

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Marina Ferreira Metri

Paschoal Carlos Magno: o homem, uma barca e um teatro

JUIZ DE FORA

2017

Marina Ferreira Metri

Paschoal Carlos Magno: o homem, uma barca e um teatro

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina Vieira Falabella (FACOM/UFJF)

Juiz de Fora
2017

Ferreira Metri, Marina .

Paschoal Carlos Magno: o homem, uma barca e um teatro /
Marina Ferreira Metri. -- 2017.

81 f. : il.

Orientadora: Márcia Cristina Vieira Falabella

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2017.

1. Paschoal Carlos Magno. 2. Teatro. 3. Grupo Divulgação. 4.
Juiz de Fora. I. Vieira Falabella, Márcia Cristina , orient. II.
Título.

Marina Ferreira Metri

Paschoal Carlos Magno: o homem, uma barca e um teatro

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina Vieira Falabella (FACOM/UFJF)

Aprovada pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Márcia Cristina Vieira Falabella (FACOM/UFJF) - orientadora

Prof. Dr. José Luiz Ribeiro (FACOM/UFJF) – convidado

Prof. Ms. Gustavo Trevizani Burla de Aguiar (CESJF) - convidado

Conceito obtido: (x) aprovado(a) () reprovado(a)

Observações da banca:

Juiz de Fora, 5 de dezembro de 2017.

À minha família, aos meus amigos, à minha orientadora e ao Grupo Divulgação: sem vocês essa história não estaria sendo contada.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me permitirem viver todos os meus sonhos: o teatro e a mudança de curso. Às minhas irmãs Laila, Clarice e Lívia por todo zelo e cuidado desde 1992. À Carolina pela alegria da presença.

Ao Grupo Divulgação por escrever parte da história contada nessa pesquisa e por ser a realização de mim. José Luiz Ribeiro, toda minha admiração e meu amor.

À Produtora de Múltiplos da UFJF, Acesso Comunicação Jr. e E-Dialog por fazerem parte do meu crescimento profissional.

Aos meus amigos de Palma e Juiz de Fora pela compreensão na realização desse trabalho e por trazerem sorrisos nos dias de mais cansaço. Em especial, Victor Dousseau e Bruno Crispi.

À Franciane Lúcia e ao Douglas Zimmermann pelos mimos.

Ao Zezinho Mancini pela disponibilidade.

Ismair Zaghetto e Toninho Dutra, obrigada pela conversa.

À minha orientadora tão amada, que não desistiu de mim e me guiou até aqui.

À minha banca, José Luiz e Gustavo Burla, por aceitarem estar nessa comigo.

RESUMO

Paschoal Carlos Magno dedicou sua vida às artes cênicas e pode ser considerado um dos grandes precursores do teatro moderno brasileiro. A partir de um mergulho sobre fatos históricos, esta pesquisa traz uma revisão bibliográfica e documental do trabalho realizado por ele, resgatando os seus principais feitos no campo das artes cênicas. Também buscou-se evidenciar a ligação desse homem com Juiz de Fora, através de sua relação com o Centro de Estudos Teatrais - Grupo Divulgação, passando por uma amizade pessoal e profissional com José Luiz Ribeiro, fundador e diretor do grupo. Fundador do Teatro do Estudante do Brasil, Teatro Duse, Aldeia de Arcozelo, Caravana e Barca da Cultura e estando à frente de muitos festivais, Paschoal foi, além de um homem de teatro, um visionário, deixando um legado artístico e uma nova forma de fazer teatro para a nossa geração. Uma análise que busca entender e explicar a origem e o porquê do Teatro Municipal de Juiz de Fora, que está prestes a ser inaugurado no centro da cidade, e leva o nome de Paschoal Carlos Magno.

Palavras-chave: Paschoal Carlos Magno. Teatro. Grupo Divulgação. Juiz de Fora.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Carta de apresentação escrita por Paschoal Carlos Magno para José Luiz Ribeiro (transcrição no Anexo T).....	32
Figura 2 – José Luiz Ribeiro e Paschoal Carlos Magno na Barca da Cultura	34
Figura 3 – Convite da Barca da Cultura de Paschoal Carlos Magno.	35
Figura 4 – Paschoal de passagem por Juiz de Fora para que o Grupo Divulgação integrasse a Barca	35
Figura 5 – Paschoal Carlos Magno no palanque em uma das cidades ribeirinhas	36
Figura 6 – Integrantes da Barca em uma de suas paradas nas cidades	37
Figura 7 - Apresentação de <i>Cancioneiro de Lampião</i> em uma das cidades do trajeto da Barca.....	38
Figura 8 – Barca da Cultura (Acervo Grupo Divulgação)	39
Figura 9 – José Luiz Ribeiro e Paschoal Carlos Magno no espetáculo <i>Nem tudo está azul no país azul</i>	41
Figura 10 – Registro do Jornal <i>Diário Mercantil</i> de 22 de maio de 1979	42
Figura 11 – Registro do Jornal <i>Tribuna de Minas</i> de 22 de dezembro de 2004	45
Figura 12 – Registro do Jornal <i>Diário Regional</i> de 12 de dezembro de 2004	46
Figura 13 – Fachada do Teatro Paschoal Carlos Magno, no centro de Juiz de Fora, em fase de acabamento	51
Figura 14 – Foto do interior do Teatro Paschoal Carlos Magno, em Juiz de Fora	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.	9
2 PASCHOAL, UM VISIONÁRIO	13
2.1 O CIDADÃO	14
2.2 O HOMEM DE TEATRO.....	17
3 PASCHOAL EM JUIZ DE FORA...	26
3.1 O ENCONTRO COM O GRUPO DIVULGAÇÃO.....	27
3.2 UM TEATRO EM CONSTRUÇÃO	40
4 CONCLUSÃO.....	54
5 REFERÊNCIAS.	57
6 ANEXO.....	60



"Um país se apresenta pelo teatro que representa."

Paschoal Carlos Magno



1 INTRODUÇÃO

Um homem que marcou a história do Centro de Estudos Teatrais - Grupo Divulgação, uma companhia de Juiz de Fora que nasceu em 1966 e, desde então, realiza trabalhos de forma ininterrupta. Esse homem é Paschoal Carlos Magno, que além de grande incentivador de teatro, tornou-se padrinho e uma espécie de anjo da guarda de um jovem idealizador, José Luiz Ribeiro, fundador e diretor do grupo, e de seu sonho: divulgar o teatro a todas as camadas sociais.

Assim, este trabalho parte, em primeiro lugar, da curiosidade de uma jovem estudante de jornalismo, também integrante do Grupo Divulgação, em conhecer profundamente a história da companhia. E Paschoal Carlos Magno é o grande responsável por um dos capítulos mais poéticos da trajetória do grupo. Sendo ele o grande sonhador que foi e um homem a serviço do teatro brasileiro, sobretudo um incentivador do teatro estudantil, Paschoal serviu de inspiração para que o Grupo Divulgação chegasse até o presente ano realizando um trabalho sério, ético e preocupado com a formação cultural, intelectual de seu variado público, que abrange, em seus 51 anos de existência completados em 2017, pessoas de todas as idades e de diferentes classes sociais.

Essa pesquisa também parte do interesse em saber quem foi esse homem que empresta seu nome para o Teatro Municipal de Juiz de Fora; como Paschoal descobriu e se aproximou do Grupo Divulgação e o porquê dele se interessar pela trupe; o que levou uma pessoa, da grandeza e magnitude de Paschoal Carlos Magno no cenário teatral brasileiro, a procurar José Luiz Ribeiro e o grupo, que desenvolvia suas atividades fora do principal eixo de produção cultural do país, a partir da leitura de uma reportagem no *Jornal de Estudo* do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), uma publicação que tinha circulação interna; e como esse encontro criou laços de afetividade entre Paschoal e José Luiz, transformando-se numa grande amizade, que refletiu em grandes conquistas para o Grupo Divulgação e seus integrantes daquela época.

Um desses frutos, que até hoje rende boas histórias, foi a participação do Grupo Divulgação no projeto idealizado por Paschoal chamado Barca da Cultura. Nessa embarcação havia grupos de teatro, de dança, balé, cinema e música, que percorreram o Rio São Francisco e passaram por cidades do Norte e do Nordeste do país. Por conta da dificuldade geográfica, a Barca foi uma maneira de levar para regiões que não tinham, naquele momento, acesso à arte, as mais variadas expressões artísticas, através de

produções realizadas por entidades e organizações culturais que tinham um trabalho reconhecido junto às suas próprias comunidades. Indiscutivelmente, essa aventura se tornou um capítulo especial nas narrativas do Divulgação. Sem contar que essa experiência deu ao grupo uma outra perspectiva para pensar a relação do teatro com o seu público.

Há que se registrar que essa ligação de Paschoal com o Divulgação é o que desencadeia o projeto para construção de um teatro municipal para a cidade de Juiz de Fora. Na época, em 1979, o prefeito era Francisco Antônio de Mello Reis, recém empossado e grande admirador do trabalho do Divulgação. O interesse em construir um teatro acabou surgindo em virtude da escassez de espaços teatrais na cidade. Já naquela época, havia um déficit de lugares apropriados que pudessem acolher companhias teatrais. Nos anos 60, era grande a efervescência culturalista no Brasil e qualquer lugar servia de palco para as companhias de teatro. Inclusive o Divulgação, em seus primeiros anos, antes de se estabelecer no Forum da Cultura da UFJF, se apresentava em ruas, praças, galpões da cidade.

Ainda hoje, Juiz de Fora, uma cidade de 600 mil habitantes, apresenta conflitos quando o assunto é o lugar para se realizar as produções cênicas locais. Algumas salas foram adaptadas para se transformarem em teatros, outras não possuem uma quantidade significativa de lugares, outras não possuem equipamentos básicos necessários para as apresentações, e há ainda os espaços que foram interditados por questões de segurança, como o Pró Música e o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. Mesmo diante desse panorama pouco animador, a construção do Teatro Paschoal Carlos Magno, ficou paralisada, inicialmente, por problemas no terreno e, posteriormente, por questões políticas. Em 2015, aparece uma luz no fim do túnel, com a retomada das obras do teatro no centro da cidade de Juiz de Fora, após mais de 30 anos, o que incentivou ainda mais a realização dessa pesquisa.

Por fim, a gota d'água que nos impulsionou definitivamente para esse objeto de pesquisa foi, justamente, esbarrarmos em algumas reportagens sobre a retomada da obra do teatro, em que se relatava sobre a sua origem, sem citar que a companhia teatral que recebeu e possibilitou o encontro entre Paschoal Carlos Magno e Mello Reis, era o Grupo Divulgação. No site da Codemig, está escrito:

A construção do Teatro Paschoal Carlos Magno começou em 26 de fevereiro de 1981. A proposta de conceber um teatro municipal surgiu

durante uma apresentação teatral, que contava com a presença, na plateia, do autor, diretor e produtor Paschoal Carlos Magno. Diante do público, Paschoal fez um apelo ao prefeito da época, que presenteasse a cidade com mais um espaço apropriado para manifestações artísticas. (JUIZ..., 2017)

Já a reportagem feita pelo jornal *Diário Regional* em 4 de junho de 2017, assinada por Dalvan Nilo (2017), cita a visita de Paschoal, a “uma exibição de uma companhia local, com o então prefeito, Mello Reis”. Também aqui, o nome do Grupo Divulgação não aparece. Em nossa visão jornalística, ocultar essa informação torna a matéria imprecisa e incompleta, sem contar que altera a narrativa histórica sobre o fato, sobretudo, entendendo o papel do jornalismo para a construção da memória.

O nome de Paschoal Carlos Magno é muito lembrado por José Luiz Ribeiro até hoje nas longas conversas que os atores da companhia têm com seu diretor sobre o teatro brasileiro de um modo geral. São narrativas em que mostram aos jovens que pessoas idealistas como Paschoal fazem a diferença e podem servir de inspiração para quem ainda tem um futuro por construir. Ao mencionar Paschoal em seus relatos, José Luiz não deixa que sua memória se perca, diante de uma sociedade que, por força da globalização e da tecnologia, valoriza cada vez menos seus heróis nacionais.

Essa pesquisa pretende, assim, mergulhar no tempo e vasculhar essas memórias, em que homens e destinos se cruzam e, a partir desse encontro, uma história se constrói.



"Eu não podia aceitar, na época, como hoje ainda não aceito, o teatro puramente digestivo, um teatro mal feito voltado à preocupação do riso fácil e gratuito."

Paschoal Carlos Magno



2 PASCHOAL, UM VISIONÁRIO

Paschoal foi, definitivamente, um homem de teatro. Homem este que desde pequeno se interessou por teatro e pelas artes, fascínio que veio como uma herança de família. Mostrou-se, mais tarde, uma pessoa de múltiplos talentos, foi crítico teatral, dramaturgo, poeta, romancista, diplomata, vereador e animador cultural, talentos que o marcaram como um grande incentivador do teatro brasileiro, não só em sua época, devido aos seus diversos feitos (Casa do Estudante do Brasil, Teatro do Estudante do Brasil, Teatro Duse, Aldeia de Arcozelo e diversos festivais de teatro por todo o país), mas, sim, deixando um legado para toda a história do teatro brasileiro.

“Eu acho que o Paschoal era um visionário e apostava no teatro naquilo que o Jean-Louis Barrault falava: ‘o teatro foi feito para unir as pessoas e não para separar’”. (DOUSSEAU, 2017) Paschoal sempre acreditou nos jovens como uma força de modificação e construção de uma nova realidade; enxergava na capacidade de incômodo, própria dos mais novos, uma possibilidade de salvação para o teatro, para a própria sociedade e para o mundo. “Pois o jovem é isso mesmo: corajoso, inquieto e agitado. Porque aquele jovem, rapaz ou moça, que nos seus 20 anos, não for agitado ou inquieto, é um poço de mediocridade. Alguém disse e o disse bem: desgraçado daquele que aos 20 anos não é anarquista.” (DIONYSIOS, 1978, p.11)

Talvez, esse espírito anarquista tenha levado Paschoal Carlos Magno a se embrenhar em tantas lutas para dar um novo caminho ao teatro brasileiro. De suas vivências no estrangeiro, trouxe um novo vigor para o nosso teatro moderno que, naquele tempo, dava seus primeiros passos. Uma atuação que foi definitiva. Nesse sentido, o teatro foi para ele um instrumento revolucionário de agregação. E é sobre esse visionário, esse agitador cultural, esse embaixador do teatro brasileiro, que dedicaremos as próximas páginas desse estudo, primeiramente, resgatando sua trajetória pessoal para, em seguida, pontuar suas ações e conquistas no campo do teatro.

2.1 O CIDADÃO

Por trás da dimensão pública de um indivíduo, há sempre sua trajetória pessoal que implica na sua formação familiar, na sua educação, na sua formação, nos seus laços de convivência, de afetividade e de aprendizado. Para falar do homem público, há que se resgatar um pouco de sua privacidade. Assim, sob o signo de capricórnio, Paschoal Carlos Magno nasceu em 13 de janeiro de 1906, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho de Nicolau Carlos Magno e Philomena Campanelli Carlos Magno, um casal de imigrantes italianos, e tinha por seus avós paternos Paschoal Carlos Magno e Isabel Magno, e avós maternos Paschoal Campanelli e Rosa Labranca.

Paschoal tinha quatro irmãos: Orlanda, Rosa, Aurora e Alberto. Alberto morreu quando Paschoal tinha pouco mais de 20 anos. A família foi um suporte importante para que suas ações tivessem continuidade. Suas irmãs foram fiéis guardiãs. Em frentes diferentes, elas alimentaram os sonhos do irmão quixotesco. Rosa e Orlanda foram responsáveis por cuidarem do Teatro do Estudante do Brasil e do Teatro Duse, respectivamente, estivesse Paschoal presente ou peregrinando pela Europa, em muitas de suas viagens.

Rosa foi sobretudo a mãe de todos os rapazes e moças do Teatro do Estudante do Brasil. Desenhando figurinos, costurando figurinos, brigando e se aborrecendo, em toda a história do TEB ela esteve presente, sempre ajudando, apoiando e amparando os nossos jovens. Eu me lembro da viagem à Europa, ela era a chefe da delegação e já com idade avançada, ela tinha a sua alegria juvenil. (DIONYSIOS, 1978, p.9)

Embora Rosa e Aurora ajudassem bastante também no Teatro Duse, Orlanda era quem estava à frente da parte administrativa e era a maior ajudante de Paschoal nessa empreitada. “Cabia a ela pôr em prática os planos idealizados pelo irmão, organizar as finanças, publicar as portarias e zelar pelo regulamento do teatro. ” (MOLINA, 2015, p.63)

Quando nasceu o menino Paschoal, a família morava na casa de número 169 da rua do Catete, mas logo se mudaram para Vila Isabel, onde não ficou por muito tempo. Aos cinco anos, nova mudança. Dessa vez, foram para Santa Teresa, onde mais tarde viria a nascer um de seus maiores feitos: o Teatro Duse. Raízes que não se perdem. O bairro marcou a vida de Paschoal.

Nicolau Carlos Magno era alfaiate e amante das artes. E passou essa paixão para o filho. Sempre direcionou Paschoal a uma educação diferenciada. A leitura de livros

tornou-se um hábito na vida do menino. E também fazia parte dessa formação idas constantes ao teatro. Uma vivência que marcou definitivamente sua trajetória.

Além de se tornar um espectador assíduo de teatro (era figura de presença constante na plateia dos espetáculos da atriz Itália Fausta e do produtor Paschoal Segreto), Paschoal Carlos Magno pôde desenvolver suas aptidões artísticas ainda bem cedo. Em casa, seu pai havia inventado em uma das salas, para o divertimento da sua família, o pequeno “Teatrinho do Arlequim”, um pequeno palco improvisado de lençóis, onde Paschoal escreveu seus primeiros textos. (MOLINA, 2015, p.34)

Aos 9 anos, Paschoal escreveu para o jornal da escola, *O Polichinelo*, versos que serviram de impulso e base para seu primeiro livro, finalizado aos 12 anos, mas nunca publicado, chamado *Templos*.

Até os 20 anos, acumulou alguma experiência literária: publicou finalmente o primeiro livro de poesias, *Tempo que passa*; teve sua primeira peça de teatro, *A torrente*, lida por Gomes Cardim, diretor da Companhia de Teatro Nacional; publicou outro livro de poesias, chamado *Chagas de sol*, recebendo comentários da imprensa e da crítica especializada – de tal forma que passou a ser conhecido a partir de então como “o poeta das chagas”; e ainda escreveu o romance *Drama da alma e do sangue, que lhe valeu uma Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras*. (MOLINA, 2015, p.34)

Aos 22 anos, Paschoal fez sua primeira atuação, a mando de Leopoldo Froés. Não teve uma experiência produtiva, porém foi dessa prática que veio o pontapé para Paschoal se adentrar ao mundo do teatro. Ainda aos 22, ele escreveu uma novela literária, *Desencantamento*, e ganhou o primeiro lugar do concurso produzido pela revista *Souza Cruz*. No mesmo ano, se tornou crítico de teatro de *O Jornal*.

Involuntariamente, eram dados os primeiros passos dentro de um processo que iria culminar em uma das suas empresas mais férteis, a de colunista do jornal *Correio da Manhã* – o que aconteceria anos depois, revelando-se um espaço crucial na consolidação do epíteto de animador cultural. (MOLINA, 2015, p.36)

Paschoal Carlos Magno foi animador, crítico teatral, autor e produtor, bacharelou-se pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, em 1929. A maior parte da sua carreira de diplomata, de 1933 a 1940, foi passada na Inglaterra, onde exerceu funções consulares em Manchester, Liverpool e Londres. A carreira de diplomata foi muito importante para Paschoal no que se diz respeito ao teatro brasileiro, pois foi através dela que Paschoal passou parte de seu tempo em Londres, onde pôde ter contato com um teatro que o fez querer mudar a forma do entendimento do teatro no Brasil.

Em 1950, serviu na legação brasileira em Atenas (e em Milão em 1955). Em 1950 escreveu uma autobiografia denominada *Não acuso nem me perdôo*, em forma de diário, onde relata sua estadia em Atenas e todas as suas dores e amores. Em 1957, foi oficial de gabinete da Presidência da República, durante o governo de Juscelino Kubitscheck. Foi também eleito vereador do Distrito Federal, em 1950.

Foi nas artes, porém, que Paschoal sempre se encontrou e achou seu refúgio e a realização de seus sonhos, mas nunca esteve sozinho nessa empreitada.

Como poeta meus livros, que se esgotaram, mereceram o louvor de figuras importantes do panorama literário. Devia alvoroçar invejas, injustiças. Não me preocupava somente com meu êxito pessoal. Patrocinava exposições de pintura, arranjava editores para poetas da minha idade, escrevia sobre teatro em matutinos e revistas. Representara ao lado de Renato Viana e Álvaro Moreyra, no desejo de melhorar a situação do nosso teatro. (MAGNO, 1969, p.15)

Foi uma figura marcante no cenário teatral brasileiro, responsável pela criação do Teatro do Estudante do Brasil (TEB), Teatro Duse, Aldeia de Arcozelo, sem contar sua ação na promoção de diversos festivais de teatro. Tudo isso se refletiu em verdadeiros vasos comunicantes que permitiram o engrandecimento da atividade teatral no Brasil e fez com que sua atuação fosse definitiva para que o teatro brasileiro chegasse à sua modernidade no século XX.

Paschoal Carlos Magno, pessoa física, foi na verdade uma instituição: sozinho, embora sempre ajudado por legiões de jovens que ele sabia contagiar com a mística das suas utopias, ele quase chegou a exercer, às vezes, funções que caberiam a um informal Ministério da Cultura. (MICHALSKI apud MOLINA, 2015, p.31)

Infelizmente, nada dura para sempre e ninguém é eterno. Assim, aos 74 anos, Paschoal se despede dessa vida no dia 24 de maio de 1980, no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, após um coma diabético de uma semana e com broncopneumonia. Seu corpo foi velado na Casa do Estudante do Brasil e sepultado no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.

Sua passagem pelo mundo terreno não foi em vão. Paschoal plantou sementes e deixou um legado às novas gerações. Como seu pai alfaiate, foi costurando experiências e relações. Em Juiz de Fora, como veremos mais adiante, deixou sua marca, a partir do seu contato com José Luiz Ribeiro e o Grupo Divulgação.

2.2 O HOMEM DE TEATRO

Paschoal teve uma vida plena de realizações. Mas, indiscutivelmente, foi no teatro que ele representou seu melhor papel. Foi um dos grandes responsáveis pela mudança do cenário teatral brasileiro, principalmente pela criação e fundação do Teatro do Estudante do Brasil, do Teatro Duse e pela promoção de diversos festivais de cultura pelo país afora. Sua passagem pela Europa solidificou um conhecimento sobre o fazer teatral, que ele trouxe em sua bagagem ao retornar para o Brasil.

Paschoal foi figura muito especial no teatro brasileiro. O seu dinamismo, sua fé no que fazia o transformaria em homem de sucesso em muitas profissões. Para mim, que o recordo agora tantos anos depois de sua morte, ele foi, antes de tudo, o grande amoroso do teatro, um *public relations* para o desacreditado teatro brasileiro. (BRITTO, 1996, p.22)

Em 1938, Paschoal Carlos Magno funda o Teatro do Estudante do Brasil (TEB). A partir deste grupo de teatro amador, diversos fatores mudaram na prática teatral brasileira. E aqui é possível pontuar algumas dessas ações, como exemplo, a participação dos estudantes no palco e também em outros momentos de produção; a imposição da presença de um diretor que se responsabilizasse pelo espetáculo como um todo; a utilização do português do Brasil nas falas dos atores, uma vez que, até então, havia uma predominância do sotaque de Portugal; o fim do ponto, lembrando que sua presença na cena auxiliava aos atores que faziam vários espetáculos num curto espaço de tempo. Uma interferência quase brechtiana. A plateia podia ouvir o ponto antes mesmo da fala do próprio ator.

O TEB surge no cenário brasileiro como uma objeção ao teatro que era proposto até então, teatro como divertimento para a população e forma de lucro para empresas. A ideia era de que a forma de fazer teatro no Brasil fosse semelhante ao feito na Europa, “que no final do século XIX já havia passado por um processo de reformulação na instalação de um teatro moderno.” (FONTANA, 2009, p.17)

O Teatro do Estudante do Brasil era um movimento ligado à Casa do Estudante do Brasil (1929), fundada por Paschoal e Anna Amélia Carneiro Mendonça, e que montou espetáculos a partir de textos clássicos, tendo Shakespeare como modelo.

O Teatro do Estudante do Brasil nasceu de minha mais total loucura. Eu tinha chegado da Europa e via aqui a situação melancólica do teatro brasileiro, um teatro sem muita orientação técnica, representado por atores e atrizes sem a menor preparação. Digo melancólico, porque

havia uma crescente ausência de público e um número cada vez maior de companhias que multiplicavam seus frágeis esforços, suas energias, sem encontrar eco por parte da plateia e da imprensa. (DIONYSIOS, 1978, p.3)

A primeira peça produzida e encenada pelo TEB foi *Romeu e Julieta*, também antes apresentada pelo Teatro Universitário, mas sem diversas modificações efetivadas por Paschoal, como a presença de uma diretora (convidada por ele), nesse caso, Itália Fausta, um cenógrafo e um iluminador. Representando Julieta tinha-se Sônia Oiticica e Romeu era de Paulo Porto.

Romeu e Julieta neste instante configura-se como uma doação dos jovens e de seus idealizadores: uma ação patriótica de elevação da cultural nacional através da implantação de um teatro que se edifica como um empreendimento de caráter sentimental, longe de ser uma empresa comercial que vise fins lucrativos. (FONTANA, p.2)

Em um primeiro momento, a peça foi apresentada no Teatro João Caetano em seis sessões, entre os dias 28 e 31 de outubro de 1938, com uma grande adesão do público e da crítica. Com isso, a temporada prosseguiu e os espetáculos passaram a acontecer no palco do Teatro Municipal nos dias 3, 4 e 21 de dezembro de 1938. *Romeu e Julieta* chamava a atenção da plateia e invadia as críticas dos jornais e revistas da época e contou com uma providencial ajuda financeira do então presidente da República Getúlio Vargas. Após dirigir esse espetáculo, Itália Fausta retornou para Europa e novos nomes surgiram por detrás das direções dos espetáculos do TEB.

Em 1939, Paschoal foi removido para o Consulado do Brasil em Liverpool, depois para a Embaixada de Londres. Para isso, nomeou para o cargo de diretor geral do Teatro do Estudante do Brasil Maria Jacintha, que após algum tempo cedeu o lugar para José Jansen.

Em 1947, Paschoal retorna ao Brasil e retoma a direção do TEB. Um ano após sua volta, é representada a peça *Hamlet*, que conseguiu um impacto magnífico. No papel título, o ator Sérgio Cardoso capitaneou o estrondoso sucesso. Plateias lotadas e críticas enaltecendo o trabalho.

Posso garantir, no entanto, que a inexperiência do elenco era em grande parte superada por uma eletrizante entrega emocional, por uma generosa paixão pelo que se fazia, que os monólogos do príncipe da Dinamarca arrancavam lágrimas e paroxismos de aplauso de um público que se entregava ao espetáculo ao mesmo nível de paixão com que a ele se entregavam os que nele tomavam parte. Posso dizer, também, que não tenho lembrança de haver testemunhado em outro caso algo semelhante à revelação de um talento tão fulgurante quanto o

de Sérgio Cardoso no papel que dominou para sempre sua carreira. (DIONYSIOS, 1978, p. 42)

Tamanha receptividade fez com que, em 1949, Paschoal Carlos Magno lançasse o Festival Shakespeare.

A tragédia de Shakespeare encenada pelo TEB conseguiu atingir um total de 50 sessões, dadas em quatro diferentes casas de espetáculos e três municípios distintos: Teatro Fênix e Teatro República, no Rio de Janeiro, Teatro Municipal de São Paulo e Teatro Municipal de Campinas. Tendo, portanto, estreado no dia 06 de janeiro, o *Hamlet* do TEB despediu-se dos palcos em meados de julho de 1948, no momento em que era realizada a sua turnê. (FONTANA, 2014, p.51)

No Festival Shakespeare, o TEB apresentou, no teatro Fênix, *Romeu e Julieta*, *Macbeth*, *Sonhos de uma Noite de Verão*. Queriam montar *Otelo*, o que não aconteceu por falta de dinheiro. Tentaram recursos com o Ministério da Educação, mas não obtiveram retorno. O Festival Shakespeare não conseguiu cobrir os gastos com o arrecadado pela bilheteria, apesar da grande crítica positiva da imprensa. Paschoal, então, no jornal *Correio da Manhã*, escreve um artigo de título “Despedida de um fracassado”, no qual declara falência. Um movimento em prol do TEB surgiu comandado pela população e pela classe artística da época.

O adeus lançado por Paschoal Carlos Magno não se configurou, contudo, na extinção do grupo, e muito menos na saída do seu mentor da direção do mesmo. O que marca o fim do Teatro do Estudante do Brasil, e o prenúncio do Teatro Duse, é a viagem ao norte – tournée do TEB realizada nos primeiros meses de 1952, ocasião na qual foi encenada pela última vez, enquanto iniciativa de Paschoal Carlos Magno, a peça que já vinha se tornando o cartão de visitas do Teatro do Estudante do Brasil: *Romeu e Julieta*. (FONTANA, 2014, p.56)

1952 tornou-se, assim, um ano marcante na trajetória de Paschoal Carlos Magno. De um lado, fecharam-se as cortinas para o TEB, que realizou, ao longo de sua existência um trabalho de formação de atores e de público, que não encontrou precedentes na história do nosso teatro. Sem contar que promoveu também montagens de importantes textos da dramaturgia, trazendo à cena nomes como Sófocles, Eurípedes, Shakespeare, Ibsen, Gil Vicente e Martins Pena. Fecha-se uma porta, abre-se outra. E a vida continua, porque o show não pode parar. Assim, com seu instinto visionário, nesse mesmo ano, Paschoal inaugurou um pequeno teatro, de cem poltronas e um pequeno palco, construído no andar térreo de sua residência em Santa Teresa. Nomeado de Teatro Duse, o espaço foi criado com a intenção de ser um local de experimentação teatral e formação de novos artistas.

O teatro de Santa Teresa funcionava sob a liderança de Paschoal, que contava também com o trabalho de suas irmãs Orlanda, Rosa e Aurora. Orlanda, como dito anteriormente, cuidava da parte administrativa, e funcionava como a principal colaboradora de Paschoal. O teatro prestava assistência aos alunos de todos os cantos do Rio de Janeiro que estudavam arte no espaço. O local contava ainda com uma cantina, administrada por Rosa e Aurora, cujos custos eram financiados por doações por parte dos espectadores. Alunos que moravam muito longe também podiam dormir no Duse, por não terem condição de voltar para casa após ensaios e apresentações.

Como nas igrejas, havia uma coleta nos intervalos que se destinava à cantina dos que trabalhavam no palco ou fora do palco, no Duse. Esse teatro teve uma grande e nobre missão: lançar jovens e desconhecidos autores brasileiros, lançar novos atores, diretores, cenógrafos, figurinistas, eletricitas, maquinistas. Esse teatro, o menor do Brasil, ganha em pouco tempo, por suas realizações, desinteresse, coragem, um prestígio imenso dentro e fora do Brasil. (DIONYSIOS, 1978,p.19)

Todos os demais gastos eram sustentados por Paschoal, a partir de seus salários como vereador e diplomata. Por ser tão conhecido, Paschoal atraía para o Duse uma série de críticos, artistas, jornalistas e pessoas importantes para a divulgação do trabalho do mesmo. “Em síntese, Paschoal e suas irmãs eram a própria estrutura do Duse, uma estrutura erguida no desejo verdadeiro de contribuir com o teatro e de dar oportunidade aos jovens artistas do Brasil”. (MOLINA, 2015, p.64)

Duse era uma escola de teatro, onde se tinha cursos oferecidos a diversos estudantes, com ensinamentos teóricos e práticos em todas as áreas do fazer teatral. A finalidade era formar profissionais de teatro, desde atores, autores e diretores, até cenógrafos, técnicos de iluminação, som etc. Tratava-se, assim, de um teatro-laboratório.

Para se estudar teatro no Duse, havia três caminhos diferentes: testes oficiais para a Escola de Arte Dramática, testes informais ou a convite do próprio Paschoal. Pessoas importantes para o teatro brasileiro passaram por lá, dentre elas, alguns nomes citados por Diego Molina em seu livro sobre o Teatro Duse: Armando Carlos Magno (sobrinho de Paschoal), Edson Silva, Glauce Rocha, Moacyr Deriquém, Ruy Cavalcanti, Agildo Ribeiro, Augusto César Vanucci, Lafayette Galvão, Maria Pompeu, Oswaldo Loureiro, Othon Bastos e Walter Ponti.

Apesar do Duse ter sido inaugurado em 1952, o registro da fundação só tem dados de 1955. Isso se deu pois Paschoal retornaria para a Europa e deixaria o espaço aos cuidados da irmã Orlanda, sendo feito para isso um regimento do

espaço. Com a ausência de Paschoal, o Duse conheceu o seu declínio. Devido às dificuldades financeiras (por ser um espaço sem fins lucrativos, funcionar sem a presença do seu líder e passar por enormes tentativas de manter-se aberto e, para isso, grandes gastos de dinheiro), Duse fechou suas portas em 1957. Em 1958 reabriu, com o patrocínio da Sociedade Brasileira de Arte, com a direção de Paschoal, mas novamente fecha depois de quatro meses.

A missão artística de Paschoal ainda não terminaria aqui. Em 1958, ele patrocina e organiza o Primeiro Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em Recife, com 1400 estudantes de todo o Brasil. A realização de festivais é capital para o trânsito de informações e práticas artísticas, que contribuem para o fortalecimento do teatro. O festival é uma grande celebração e comunhão de diferentes grupos, autores e diretores, é um lugar onde se é possível discutir avanços, dificuldades e caminhos para a atividade cênica.

É neste festival que Paschoal promove o primeiro “juízo de personagens”.

Julgamento de personagens: fato inédito na vida cultural do país, o primeiro “juízo de personagens” – Hamlet e Othelo – teve como intérpretes, os já grandes profissionais Sérgio Cardoso e Paulo Autran. A acusação e a defesa, de um júri famoso, presidido pelo Desembargador Evandro Neto, esteve a cargo dos professores Evandro Lins e Silva, Carlos de Araújo Lima, Evaristo de Moraes Filho e Roque Brito Alvez. (DIONYSIOS, 1978, p.55)

O Primeiro Festival Nacional de Teatro de Estudantes traz como revelação um novo autor teatral, João Cabral de Mello Neto com a peça *Morte e Vida Severina*.

A partir daí, em 1959, Paschoal organiza o Segundo Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em Santos. Contou com cerca de 2000 participantes. Em 1961, organiza e dirige o Terceiro Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em Brasília, que teve a presença de 23 grupos teatrais (esses grupos, ao terminar o festival seguiram em viagem, liderados por Paschoal, pelo interior de São Paulo, Triângulo Mineiro, centro de Minas e pelo estado do Rio de Janeiro), 415 estudantes de todo o Brasil.

Em 1962, organiza e dirige o Quarto Festival Nacional de Teatro de Estudantes em Porto Alegre.

Durante os debates do julgamento dos “melhores”, surgiu a ideia da criação de uma “Fundação Nacional do Teatro do Estudante”, com a finalidade de, entre outras, com verba própria, custear anualmente a realização dos Festivais, que lutam sempre com sérias dificuldades. (DIONYSIOS, 1978, p.59)

Também em 1962 Paschoal promoveu a Caravana da Cultura, onde juntou os Teatros de Estudantes (fruto do seu TEB) do Paraná, de Brasília e Goiânia, o Quinteto Villa-Lobos, os grupos de dança da Escola Leda Iuqui, Toni Petzhold e o Conjunto Internacional Gaúcho de Folclore. Junto com essa trupe foram mais de 274 espetáculos sediados em praças, escolas, igrejas, asilos e orfanatos, passados pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Alagoas. 56 participantes, oito ônibus, seis automóveis, dois caminhões e uma Kombi com exposição.

Em 1968, Paschoal lidera o Quinto Festival Nacional de Teatro de Estudantes que aconteceu em Guanabara e contou com a presença de 1000 estudantes de todo o Brasil. Teve a colaboração de *O Globo*, que patrocinou não só os espetáculos programados, mas também outros infantis em alguns pontos da cidade.

Mas é preciso voltar no tempo para resgatar um outro grande feito de Paschoal

Carlos Magno. 1958, ano que realiza o primeiro festival, marcou também uma outra conquista: a Aldeia de Arcozelo. Ao fazer uma visita a uma fazenda desativada, em Paty do Alferes, no estado do Rio de Janeiro, a convite do proprietário dolocal, Paschoal teve a inspiração de fazer daquele lugar, 51 mil m², um centro cultural, com o objetivo de ser mais um lugar onde artistas de todo o país pudessem desfrutar de todas as formas de arte existentes. O proprietário acatou a ideia de Paschoal e lhe doou o terreno para a construção da Aldeia, com a condição de que aquele espaço fosse usado apenas como forma de arte.

É importante resgatar aqui que esse espaço, segundo registros da Funarte, tinha antecedentes históricos em 1700, onde nessa região começava a ser aberto o Caminho Novo para Minas Gerais, na época do Brasil Colônia. Alguns anos depois, desse lugar foi feito um posto de vigia e apoio aos viajantes que transitavam no caminho do ouro de Minas.

Esse posto, que ficou conhecido inicialmente como “Rossa do Alferes” e, mais tarde, “Sítio do Alferes”, ficava no exato local onde hoje é a Aldeia. Entre 1739 e 1780, foi construída a primeira parte do casarão, que no século XIX passaria a ser a casa grande da Fazenda da Freguezia, cujo proprietário foi Emanuel Francisco Xavier, cultivador e exportador de café. Conta-se que seu filho perdeu a propriedade em uma mesa de jogo para o Barão de Arcozelo. Em 1930, o local se tornou uma fazenda de gado leiteiro. (GADELHA, 2017)

Sendo assim, em 19 de dezembro de 1965, foi inaugurada a Aldeia (que hoje pertence a Funarte, assim como o Duse), com dois teatros: Itália Fausta (para homenagear Itália devido ao seu trabalho no TEB), um teatro ao ar livre, com capacidade para uma

plateia de 1200 espectadores e o teatro Renato Vianna (um importante crítico e teatrólogo), para 240 pessoas. Havia ainda uma sala de música, galerias para artes plásticas, biblioteca, coreto, sala de vídeo, e ainda um edifício colonial, com 54 quartos.

A Aldeia sediou congressos e seminários de teatro, danças, artes plásticas, músicas etc. E abrigou também festivais. Em 1971, Paschoal organizou o Sexto Festival Nacional de Teatro de Estudantes na Aldeia de Arcozelo. O evento contou com 742 estudantes de todas as regiões do país e teve colaborações especiais para a Aldeia no decorrer do festival, como, por exemplo, a instalação de um posto médico pela Faculdade de Medicina de Vassouras, aulas de expressão ministradas pelo professor da Universidade Federal do Pará Augusto Rodrigues e uma filmagem completa do festival pelo Instituto Nacional do Cinema.

Em 1979, Paschoal declarou pela televisão a dificuldade de manter as lutas pela Aldeia sozinho. A renda de muitos espetáculos realizados na Aldeia foi revertida para pagar dívidas, mas ainda não foi o bastante. E, com a morte de Paschoal em 1980, a crise ficou ainda pior. Porém, os herdeiros de Paschoal resolveram entregar a direção da Aldeia à Secretaria de Cultura do Ministério da Educação e Cultura (MEC), onde se encontra até hoje.

Outro recuo no tempo faz-se necessário para assinalarmos ainda uma outra realização marcante de Paschoal. Em fevereiro de 1974, ele mergulha numa outra empreitada: a Barca da Cultura. E, mais uma vez, trabalha no sentido de promover grupos e artistas diferentes, unidos em uma mesma ação. A Barca foi um movimento idealizado com o objetivo de levar espetáculos de teatro, folclore, canto, música e balé às populações ribeirinhas e do interior de alguns estados brasileiros. Participaram: Orquestra de Câmara da Casa do Estudante do Brasil, Teatro da Universidade Federal de Juiz de Fora (Grupo Divulgação), Teatro do Estudante do Paraná, Cantora Maria Domícia, Grupo Folclórico da Guanabara, Coral da Universidade Gama Filho, Ballet Stagium e Cinema na Barca da Cultura.

Além de espetáculos, os integrantes dessa aventura distribuíam livros, faziam show de mágicas, fantoches, davam oficinas de pintura e origami. O trajeto mambembe saiu de Pirapora (MG) numa barca, capitaneada por Paschoal Carlos Magno, com mais de 100 pessoas, entre elas, artistas, estudantes, produtores, assistentes, jornalistas, técnicos de muitas partes do Brasil, subindo o Rio São Francisco, com destino a Petrolina (PE), depois indo por terra até Belém (PA). Nos 45 dias de duração, 55 cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste foram visitadas.

Paschoal, junto com sua trupe, conseguiu promover uma experiência engrandecedora para cada pessoa menos favorecida das regiões visitadas, conseguiu proporcionar uma difusão cultural em locais esquecidos, onde as produções culturais não chegavam. Mais ainda, possibilitou uma bagagem e um conhecimento ainda maior para cada companhia e grupo que participou da Barca e de sua propagação.

Paschoal era assim, mudava a vida das pessoas, contagiava quem estava ao seu redor. Foi incansável em sua luta pelo teatro brasileiro. Em sua autobiografia *Não acuso nem me perdôo*, alguns depoimentos sobre ele preenchem as orelhas do livro e dão a dimensão do homem que ele foi. A escritora, tradutora e jornalista Rachel de Queiroz afirma:

Nunca outra pessoa, nesta terra, foi responsável por um movimento cultural de tão amplas repercussões, pois criando o Teatro do Estudante não lançou apenas uma geração de artistas; foi realmente a cabeça de uma revolução, tal a importância de sua contribuição que se pode falar em teatro antes e depois de Paschoal. (MAGNO, 1969)

E o também escritor, jornalista e teatrólogo Viriato Corrêa complementa: “Teatro brasileiro sem Paschoal é como *Hamlet* sem o Príncipe da Dinamarca”. Paschoal era, pelo conjunto da obra, um príncipe, um nobre, merecedor de todas as condecorações. Se como ator não foi adiante, como promotor cultural e homem de teatro, foi, sem dúvida, o grande protagonista do teatro brasileiro do século XX.



"O Grupo Divulgação possui terras férteis, terras propícias ao cultivo de sensibilidades."

Paschoal Carlos Magno



3 PASCHOAL EM JUIZ DE FORA

Paschoal era um ser do mundo. Circulou pelo exterior e, ao mesmo tempo, cruzou o Brasil de norte a sul, conhecendo o teatro que era feito em cada região pelos jovens estudantes, em quem depositava a aspiração de um futuro para o teatro brasileiro. E foi essa busca que trouxe Paschoal Carlos Magno a Juiz de Fora para conhecer um grupo de teatro formado por estudantes universitários, criado em 1966, cujo trabalho começava a despontar nacionalmente: o Grupo Divulgação, capitaneado por seu diretor e um dos fundadores José Luiz Ribeiro.

Dessa forma, o Grupo Divulgação foi esse elo, a companhia foi a responsável por essa conexão Paschoal x Juiz de Fora. Enquanto teatro amador, o Grupo Divulgação, durante os seus 51 anos de existência, comemorados em 2017, sempre praticou um teatro responsável, ético e profissional. Profissionalismo que conquistou Paschoal Carlos Magno. O trabalho desenvolvido por José Luiz Ribeiro na direção da trupe, realizando montagens de importantes textos da dramaturgia universal, que marca os primeiros anos da trajetória do grupo, atraiu a atenção de Paschoal. E esse encontro foi definitivo. Para o Divulgação e para Juiz de Fora.

Foi a partir dele que, posteriormente, numa vinda à cidade para assistir a um dos espetáculos do Divulgação – *Nem tudo está azul no país azul*, em 1979 – Paschoal, publicamente, faz o pedido para a construção de um novo teatro local ao então Prefeito Mello Reis. Começaria aí uma saga que se estendeu ao longo de mais de três décadas e que está bem próxima de conhecer seu desfecho feliz, com a inauguração do Teatro Paschoal Carlos Magno, no coração de Juiz de Fora.

O projeto original passou por transformações. Alterações e adaptações necessárias do ponto de vista estrutural e mesmo financeiro. O mais importante é que, enfim, depois de um “longo e tenebroso inverno”, como diria Shakespeare, suas portas sejam abertas para receber produções locais e de outras cidades.

Um edifício teatral é uma espécie de templo. Sua existência realimenta a atividade teatral e também aqueles que a ela estão diretamente ligados. Mais um teatro em Juiz de Fora representa a possibilidade de acolhida para os trabalhos de inúmeras companhias locais, e mesmo de artistas ligados ao campo da música e da dança; representa também a possibilidade de que grupos e espetáculos de outras cidades façam curtas temporadas em Juiz de Fora, promovendo assim um intercâmbio de conhecimento cênico. E, num tempo em que tantos espaços estão interditados na cidade, o

funcionamento do Teatro Paschoal Carlos Magno pode representar a garantia de continuidade a diversos eventos como o Festival de Teatro (e Paschoal lutou tanto por eles) e a Campanha de Popularização.

Assim, aqui se escreve a história de uma amizade, a história de um encontro abençoado por Dionísio, o deus do teatro, e a história de um teatro em construção.

3.1 O ENCONTRO COM O GRUPO DIVULGAÇÃO

Paschoal Carlos Magno, como já assinalamos anteriormente, sempre foi um idealista, utópico e via nos jovens a esperança de uma nação.

Pois quando cheguei ao Rio de Janeiro, eu que havia ajudado a fundar a Casa do Estudante do Brasil, percebendo que nada se pode fazer nesse país sem o apoio dos estudantes, apesar da má vontade de algumas autoridades de ontem, de hoje e de sempre, percebendo que nada se pode fazer aqui sem a participação dos moços [...], pois assim pensando, reuni, na casa de minha mãe, dezenas de jovens, planejando criar o Teatro do Estudante do Brasil. (DIONYSIOS, 1978, p.3)

Para entender a ligação do Grupo Divulgação com o nosso objeto de estudo Paschoal Carlos Magno, será necessária uma breve apresentação do grupo de teatro amador de Juiz de Fora, contando sua história e sua origem que tanto se assemelha à pupila dos olhos de Paschoal: o estudante. Resgatando um pouco dessa trajetória e algumas de suas montagens, numa rápida linha do tempo, entra no palco desse trabalho, o Grupo Divulgação.

O Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação nasceu em Juiz de Fora por conta da curiosidade e disposição de um grupo de universitários da FAFILE – a antiga Faculdade de Filosofia e Letras que se encontravam aos sábados à tarde para leituras de textos de teatro. O núcleo de pesquisa teatral teve seu início quando dois desses estudantes decidiram dar nome a essas leituras semanais. Assim, a partir dessa ação efetivada por José Luiz Ribeiro e Maria Lúcia Campanha da Rocha (posteriormente Ribeiro, por conta de seu casamento com José Luiz), no Diretório Acadêmico Tristão de Athayde, surge o Grupo Divulgação.

O Grupo Divulgação nasce em Juiz de Fora, no dia 7 de julho de 1966. [...] nasce do interesse de alunos da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora, pelo teatro, mas também pelas discussões em torno da cultura, que pautavam as reuniões do grupo no Diretório Acadêmico Tristão de Athayde. (FALABELLA, 2015, p.16)

A primeira peça do grupo se deu no dia 7 de julho de 1966 (data que foi marcada no calendário como nascimento da companhia, por ter sido o dia da primeira apresentação) durante a semana do laticinista, no Instituto de Laticínios Cândido Tostes - *Amor em verso e canção*.

Em 1968, com a efetivação do Ato Institucional número 5, a censura foi implantada no Brasil. Essa censura se dava à imprensa, ao teatro, às músicas. Nessa onda de ações recriminatórias e restritivas, o Grupo Divulgação chegou a ter um espetáculo proibido na hora de sua estreia, na Casa D'Italia em 1969. *Diário de um louco*, de Nikolai Gógol, numa adaptação de Rubem Rocha Filho, foi censurado pela polícia com a plateia chegando para a apresentação. José Luiz Ribeiro, então com 27 anos, era o intérprete do personagem Antonino Barnabé. Dirigido nesse espetáculo por sua esposa, Malu Ribeiro, ele amarrava então um lenço branco na boca nas partes em que o texto havia sido censurado e cortado, e o público prontamente entendia o teor da ação.

Mesmo com a ditadura, o grupo, literalmente, não se calou. Por não poder falar claramente sobre o Brasil naquele momento, ao invés de escrever seus próprios textos – o que viria a acontecer anos mais tarde, pelas mãos, pela sensibilidade, pelo conhecimento e pela iniciativa de José Luiz Ribeiro – o Divulgação optou por montar clássicos que retratavam o tempo vivido pelo país, porém de maneira mais discreta. Autores como Sófocles, Federico García Lorca (patrono do grupo), Dürrenmatt, Górkí etc, foram montados e, através deles, foi possível burlar a censura em sua violência e ignorância.

Em 1973, o Divulgação inaugurou o seu núcleo de teatro infantil, com o espetáculo *A onça de asas*, de Walmir Ayala, e nos anos seguintes montou textos de Oscar Von Pfuhl, com *O Circo de Bonecos*, Ilo Krugli em *Estória de lenços e ventos* e Gabriela Rabelo com *Nem tudo está azul no país azul*, espetáculo que, como já foi assinalado, contará com a presença de Paschoal Carlos Magno na plateia, com toda a bilheteria voltada para a Aldeia de Arcozelo. O Divulgação, nesse momento, integrava uma campanha nacional, com o objetivo de ajudar a salvar Arcozelo.

Também é importante assinalar aqui que fazer teatro para as crianças representava para o grupo uma ação de formação de público. A criança é o adulto de amanhã. Nesse sentido, era preciso incutir nesse novo público o hábito de ir ao teatro. Para tanto, era preciso gostar de teatro. Por isso, o grupo sempre teve uma preocupação na produção de seus espetáculos infantis, sempre muito elaborados. Para Malu Ribeiro

(FALABELLA, 2004. p.27), o teatro infantil do grupo sempre buscou o mágico e a fábula sem cair nos clichês, apostando em montagens caras e mais trabalhosas.

Finalmente a ditadura dá uma trégua e o Grupo sente a necessidade de passar ideias atuais e próprias para o público que o assiste.

José Luiz começa a escrever por conta de uma necessidade própria de retratar a sua aldeia. Além disso, um elenco que se renova constantemente faz com que o Divulgação crie um repertório original, para atender à demanda desse grupo, além de reforçar seu compromisso com a cultura local. (FERREIRA, 2017, p.29)

A primeira peça de José Luiz escrita exclusivamente para o Divulgação e montada em 1979 é: *Mas que papel, seu bacharel*. Entre textos adultos e infantis assinados por Ribeiro, destaca-se *Girança*, montagem para o público adulto realizada em 1985, com remontagem em 2000. Esse texto, que mostra a chegada de uma família da roça em Juiz de Fora e os impactos dessa mudança, recebeu o prêmio Timochenco Wheby de Melhor Texto Nacional Inédito, no VIII Festival de Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto, em São Paulo.

De sua autoria também, nos anos 90, foi encenado o espetáculo de um dos maiores sucessos de público montado pelo grupo até hoje, *Era Sempre Primeiro de Abril*, que contava a história de Fernando Collor de Melo, então presidente da república e que havia confiscado a poupança da população. É importante assinalar aqui uma outra característica que marca a trajetória do Grupo Divulgação: um teatro feito sempre com uma marca ideológica e cidadã.

Nesse sentido, destacamos ainda a montagem de *A Escada de Jacó*, com texto e direção de José Luiz Ribeiro, em 1995 e 1996, espetáculo que chamava a atenção para o descaso das famílias com seus idosos. A montagem integrou a programação do XV Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto, conquistando o prêmio de melhor Espetáculo no Júri Popular. Em 1998, Ribeiro resgata criticamente a trajetória do então presidente Fernando Henrique Cardoso, candidato à reeleição, em *O Príncipe Rufião*.

Os anos 2000 marcam uma produção significativa de textos de José Luiz Ribeiro. É importante assinalar uma outra característica de sua dramaturgia: ele se debruça também no exercício de traduzir e adaptar clássicos como *O Último Portal*, de Ingmar Bergman, escrito a partir do *O sétimo selo*; *O Círculo de Giz de Brecht*, de José Luiz Ribeiro, em 2003, inspirado em *O Círculo de Giz Caucasiense*, de Bertold Brecht, e *A Tempestade* de William Shakespeare, comemorando os 40 anos de fundação do Grupo Divulgação em 2006. (FERREIRA, 2017, p.31)

Mesmo com uma intensificação de montagens dedicadas aos textos de José Luiz, escrevendo sob medida para seu elenco, o grupo vez por outra volta aos clássicos que marcaram grande parte de sua trajetória. Assim, em 2013, o Divulgação representa *O doente imaginário*, de Molière, na comemoração dos cinquenta anos de teatro de José Luiz Ribeiro. E, em 2016, ano de comemoração dos 50 anos do grupo, foi montada a primeira peça encenada pelo Teatro do Estudante do Brasil: *Romeu e Julieta*.

Assim como no TEB de Paschoal, no Grupo Divulgação, a função do director se apresenta como indispensável. Variando entre Malu e José Luiz nas primeiras peças, se firmou posteriormente na figura de José Luiz Ribeiro, que segue no exercício dessa ação até os dias de hoje, embora, muitas vezes, ele também suba no palco ou faça operação de luz, atividade que tanto ama.

O diretor é uma figura polivalente, que assume várias funções- artísticas, administrativas, políticas, econômicas e, às vezes, psicológica. Essa figura adquire múltiplas conformações, uma vez que ela pode usar máscaras variadas, como a do mestre, do guru, do tirano. Mas de todo modo é um líder. O importante aqui é, precisamente, entrecruzar a presença do diretor e sua ligação com a ética própria do trabalho de grupo. (FALABELLA, 2015, p.45)

Em 1994, o Divulgação tem sua trajetória marcada por uma ampliação de suas atividades, que a partir daí incorpora outros dois núcleos de atuação: o da “Terceira Idade” e o de “Adolescentes”, cada um realizando apresentações duas vezes ao ano, até os dias de hoje. Com isso, o Divulgação reforça sua atuação no campo da formação de atores, que já acontecia anteriormente com os cursos de Introdução ao Teatro para universitários e adultos (hoje Mergulho Teatral). É importante assinalar aqui, que as atividades com adolescentes e terceira idade integram os projetos de extensão desenvolvidos pelo grupo em parceria com a Universidade Federal de Juiz de Fora.

Essa revisão ligeira sobre a trajetória do Grupo Divulgação, buscando assinalar alguns pontos básicos que solidificam o trabalho da companhia durante todos esses anos, faz-se necessária justamente para evidenciar o que, de fato, atraiu a atenção de Paschoal para um grupo de teatro com vida ativa, mas na periferia do eixo de produção cultural do Brasil. Além de uma identificação com o repertório da trupe daqueles primeiros anos, havia um fator primordial que era justamente a presença de estudantes universitários compondo seu elenco. Essa era a senha que estabelecia uma semelhança básica entre o Divulgação e o TEB, marcando o “amadorismo profissional” (fazer teatro por amor, sem cachê, mas tendo um compromisso profissional).

Já o Grupo Divulgação nasceu como um Centro de Estudos Teatrais, ligado à Universidade Federal de Juiz de Fora. Como naquele momento, em Juiz de Fora, não havia um mercado profissional, como ainda não há, ele começou amador. [...] Seus membros, uma média de 15 a 30 pessoas, são estudantes ou trabalhadores que encontraram uma forma de sobreviver para poder fazer teatro. (FALABELLA, 2015, p.34)

Assim como dito por Márcia Falabella sobre o Grupo Divulgação, temos Fabiana Fontana falando sobre o TEB, como forma de comparação dos dois movimentos artísticos.

Em 1938, Paschoal Carlos Magno funda o Teatro do Estudante do Brasil (TEB). É a partir deste grupo de teatro amador que o teatro universitário torna-se uma categoria artística no Brasil. Esta “nova” maneira de fazer teatral consiste na participação de estudantes na cena e em outros setores de produção do espetáculo. (FONTANA, 2009, p.17)

As semelhanças são muitas. Ambas as mobilizações teatrais nasceram do incômodo, da vontade de fazer algo diferente e levar para o público uma força utópica, mas ao mesmo tempo de cunho político, trazendo sempre a esperança de um mundo melhor.

Persistir é difícil, e só é possível se existe uma paixão incondicional pelo teatro, uma crença em sua força transformadora, uma aceitação do teatro como um modo de perceber e de estar no mundo. Fala-se aqui de uma maneira extremamente intensa de viver através da poesia e da fúria da cena. (FALABELLA, 2015, p.97)

Ainda como forma de comparação, Fabiana Fontana fala do TEB e do incômodo com o tempo e com a forma de até então se fazer teatro. “O Teatro do Estudante surge no palco do teatro brasileiro como contestação - uma forma alternativa de prática teatral, resultante de uma nova maneira de entender o que era o teatro”. (FONTANA, 2009, p. 17).

Paschoal conhece o Grupo Divulgação através de um *Jornal de Estudo* da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde José Luiz e Malu eram, então, professores.

Ele lê uma reportagem que falava sobre o grupo e sobre o trabalho desenvolvido por Ribeiro. Se interessa pelo que o jovem aprendiz de teatro fazia pela arte em Juiz de Fora. E, usando suas habilidades literárias, manda uma carta para José e se apresenta.

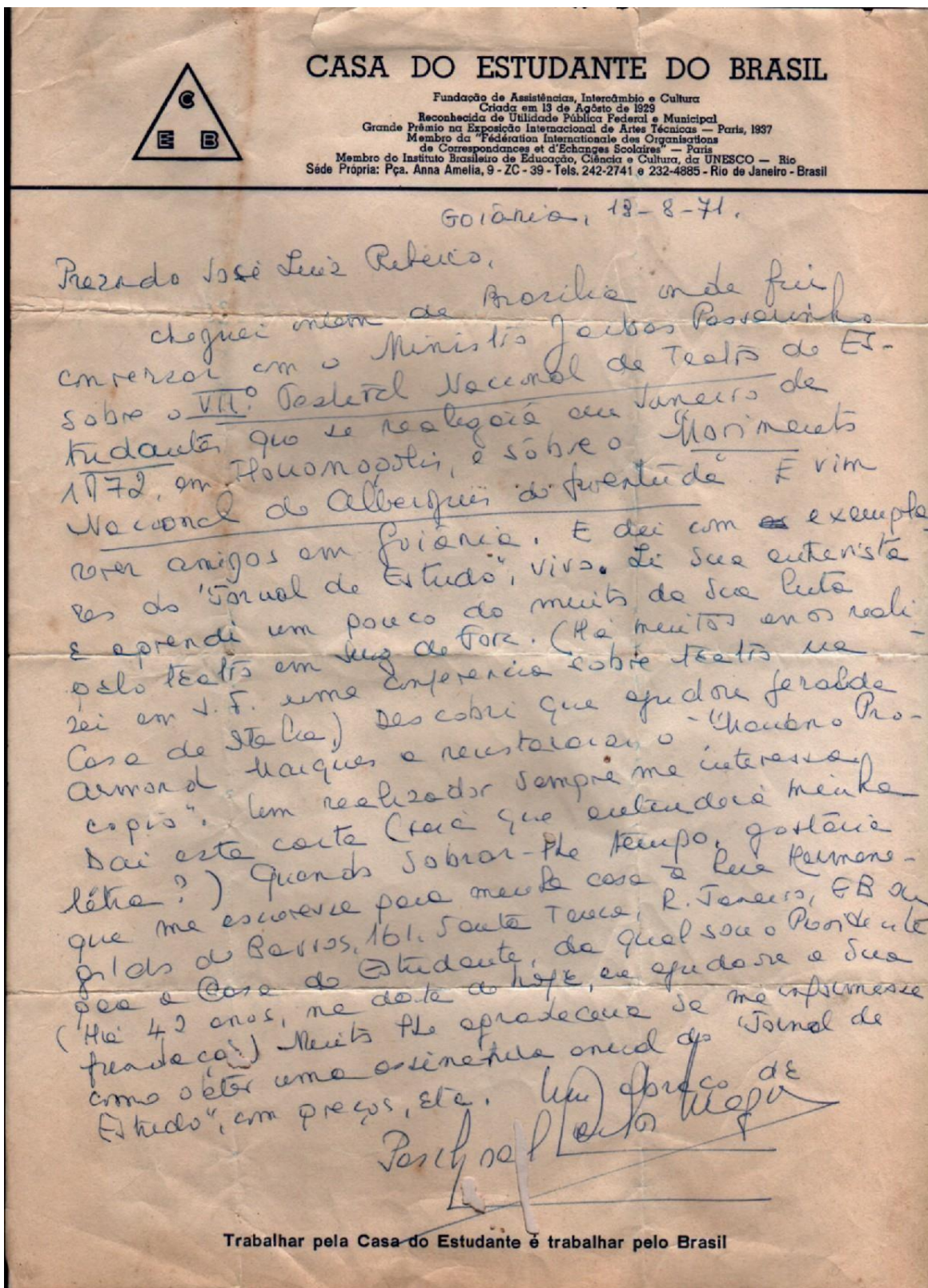


Figura 1 – Carta de apresentação escrita por Paschoal Carlos Magno para José Luiz Ribeiro (transcrição no Anexo Q)

Abrem-se novos caminhos para o Grupo Divulgação e começa, nesse momento, uma grande amizade e uma convivência interrompidas apenas pela morte de Paschoal.

Em 1968, eu tive um problema de úlcera, e uma aluna do curso de Comunicação da UFJF, fez para o “Jornal de Estudo”, uma entrevista comigo e era [assim] a reportagem: “Zé Luiz tem uma úlcera no grande amor pelo teatro”, e contava a minha história. Um dia, eu já estava casado, chego em casa e tinha uma carta do Paschoal. Nessa carta ele se apresentava, dizia quem era, que tinha vontade de nos conhecer, e pediu para que a gente procurasse ele. Eu o procurei. A primeira peça que ele vê da gente é *Maria Stuart* e ele nos acolhe de uma maneira muito rica. A partir daí, o Paschoal jogou uma luz em cima do nosso trabalho. (DOUSSEAU, 2017)

São esses acontecimentos que desencadearam a vinda do embaixador à Juiz de Fora e seu primeiro contato direto com o Divulgação. Muitas vezes, Paschoal fez parte da plateia em espetáculos do grupo. E foi justamente como um espectador privilegiado, que, na ocasião da apresentação (com a peça *Nem tudo está azul no país azul*) do grupo em prol de Arcozelo, nasceu a ideia do projeto do teatro físico, hoje, em vias de inauguração em Juiz de Fora. O ano era 1979.

Como citado anteriormente, no primeiro capítulo, a Aldeia de Arcozelo promoveu um festival, que contou também com a participação do Grupo Divulgação. Diante da ameaça feita pelo próprio Paschoal de destruir tudo com um incêndio, por conta do desespero de não conseguir manter o espaço e pela falta de apoio, o Divulgação deu sua singela contribuição para que tamanha catástrofe não se tornasse realidade. Quem diria que da possibilidade de destruição de um espaço – Arcozelo, nasceria o projeto para a construção de outro – o Teatro Municipal Paschoal Carlos Magno?!

A paixão e o respeito pelo teatro uniram José Luiz Ribeiro e Paschoal Carlos Magno e criaram laços fortes de amizade e respeito.

A gente passou a ter uma relação de muita amizade. Ele almoçava na minha casa, roubava as peles dos frangos que não podia comer por conta de seu colesterol, mas que adorava roubar. Depois em 1974, vem a Barca da Cultura e a gente estreitou os laços de uma maneira muito forte, porque pessoalmente, eu sempre tive uma coisa de querer ouvir para aprender, então ele contava as histórias. (DOUSSEAU, 2017)



Figura 2 – José Luiz Ribeiro e Paschoal Carlos Magno na Barca da Cultura

Em 1974, Paschoal liderou um movimento muito importante para o teatro brasileiro: a Barca da Cultura.

Inspirada em grandes movimentos europeus e numa realização efetuada em 1964 – a Caravana da Cultura, que percorreu o Brasil com grupos de teatro de estudantes, pintores, músicos e dançarinos tendo à frente a figura patriarcal de Paschoal – a Barca da Cultura foi fiel ao velho sonho de seu idealizador, levando cultura erudita a uma faixa de público eminentemente popular. (EGYPTO, 1974)

E o Divulgação foi convidado formalmente, como as demais instituições que integraram o projeto, a participar dessa viagem cultural.

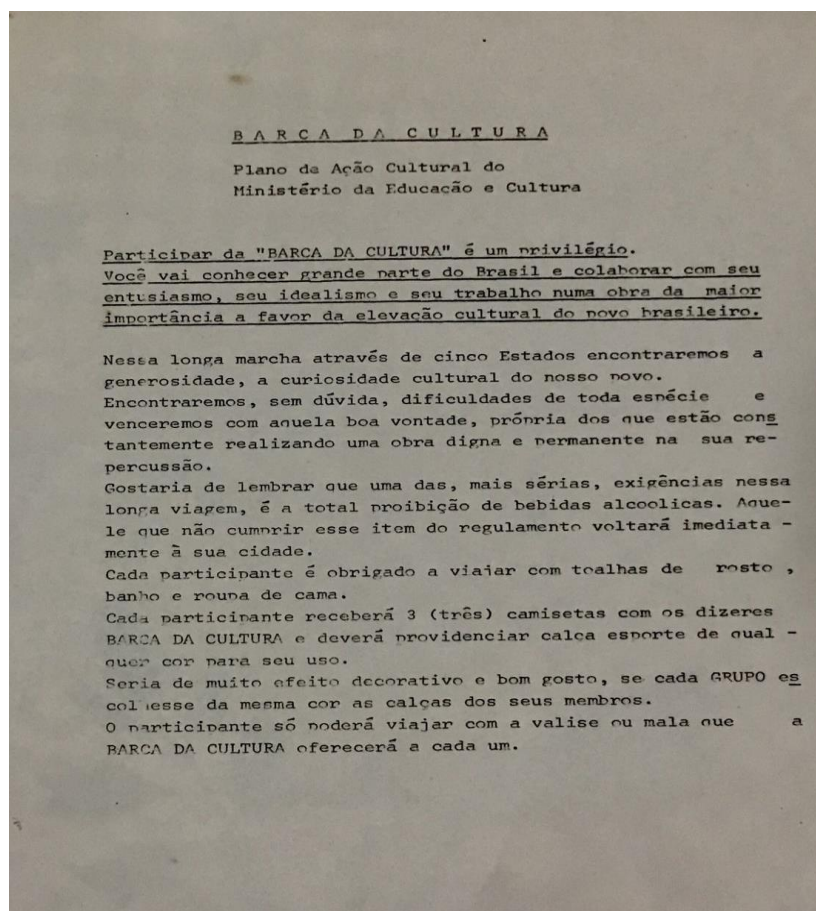


Figura 3 – Convite da Barca da Cultura de Paschoal Carlos Magno

Apenas dois grupos de teatro universitário fizeram parte da Barca: Grupo Divulgação e o Teatro do Estudante do Paraná. E a caravana passa por Juiz de Fora para que o Divulgação pudesse embarcar nessa viagem encantada.



Figura 4 – Paschoal de passagem por Juiz de Fora para que o Grupo Divulgação integrasse a Barca

Quando o Paschoal conhece o Divulgação ele fica muito apaixonado. Em 1973, a gente tinha ganho os prêmios todos em um festival que a gente foi, estava por cima da carne seca. O pessoal do Dulcina queria nos levar para fazer uma temporada lá. Mas aí acontece o grande conflito que o Divulgação tem: a gente não sabia se profissionalizava ou não. E foi uma grande dificuldade de comunicação na época da Barca, porque para falar no telefone, tinha que entrar naquele lugar para fazer a ligação. A Malu enlouquecia porque eu não dava notícia, ela não foi porque estava grávida do Federico. (DOUSSEAU, 2017)

A Barca da Cultura tinha por objetivo levar um Brasil não apresentado às populações ribeirinhas do Rio São Francisco. O palco era montado em sua cobertura superior: um tablado de 6 por 6 metros, iluminado por 4 postes com 4 refletores cada um; a plateia era à beira do rio.

A Barca visitou 55 cidades, desceu o São Francisco, atravessou o agreste de Pernambuco, da Paraíba, do Ceará, do Maranhão, do Piauí, do Pará.



Figura 5 – Paschoal Carlos Magno no palanque em uma das cidades ribeirinhas



Figura 6 – Integrantes da Barca em uma de suas paradas nas cidades

Distribuiu mais de 30 mil livros, doou cartazes, entregou espetáculos. Além de *Cancioneiro de Lampião*, de Nerthan Macedo, com direção de José Luiz Ribeiro e música original de Sueli Costa, o Divulgação apresentou também espetáculos de fantoches para o público infantil.

Normalmente a barca chegava de manhã, como se o circo chegasse na cidade. Nós fomos com peça e fantoche. Nós fomos com a peça “Cancioneiro de Lampião” e com dois espetáculos de fantoche: “Mariquita dos girassóis” e “O anjinho siriri contra um foguete muito louco”. A gente almoçava e via alguma coisa que acontecia na cidade, e de noite tinha um grande espetáculo. Ia encostando em cada cidade até Juazeiro do Norte. Em Juazeiro, largamos a barca e fomos de ônibus. As apresentações eram em cima do ônibus, ou onde pudesse ser feito. Isso foi até Belém do Pará. Aí houve uma cisão e nós voltamos de Teresina. Alguns foram. Foi uma coisa enlouquecedora. (DOUSSEAU, 2017).



Figura 7 - Apresentação de *Cancioneiro de Lampião* em uma das cidades do trajeto da Barca

A Barca pode ser vista como um movimento de caráter social, político e cultural. Enquanto o Divulgação enfrentava textos censurados pela ditadura e se mantinha firme em seu propósito, Paschoal também não se deixava calar e continuou acreditando e mantendo viva a voz dos jovens do país, por meio do seu teatro - e também, por meio dele, levava voz a regiões esquecidas.

Cultural, pois interligava culturas diferentes e promovia o valor das culturas ribeirinhas que eram até então invisíveis para as metrópoles; social, pela sua importância como fator educativo; e político, pela possível denúncia da situação precária que a maioria dessas cidades vivia, fornecendo a hipótese de que seu pioneirismo serviu de exemplo para outros projetos culturais já realizados e a certeza de que essa intrépida empreitada merece figurar dentre os acontecimentos relevantes na memória histórica, artística e cultural de nosso país. (SILVEIRA; FRAZÃO; LIMA, 2001)

Luiz Augusto Egypto (1974) escreveu para o *Jornal de Cultura* uma matéria sobre a Barca organizada por Paschoal. Luiz narrou brevemente a participação do Grupo Divulgação, no momento com oito anos de existência, e contou um pouco da experiência vivida pelos membros do grupo.

Individualmente, a opinião dos componentes do grupo que viajaram é que todos voltaram como eternamente devedores daquele povo: o grupo recebeu muito mais do que deu. Recebeu em termos de uma experiência humana fabulosa, um contato íntimo com um tipo de gente que pode, sem medo, ser classificada como pura nas raízes. (EGYPTO, 1974)



Figura 8 – Barca da Cultura (Acervo Grupo Divulgação)

Para o Divulgação, a participação na Barca da Cultura reforçou o impulso original do grupo em levar cultura para quem não tivesse acesso a ela. Por isso o nome da companhia – “Divulgação”. Se durante muito tempo, o grupo peregrinou em praças, fábricas e escolas para apresentar suas peças, agora queria que o público pudesse consumir seus espetáculos de forma esteticamente integralizada, desfrutando de todos os recursos que o teatro poderia oferecer.

Assim, foi construída a ideia de que um público popular pudesse consumir teatro, frequentando o espaço do Forum da Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, sede do Divulgação desde 1972. Na casa existe um teatro, cujo projeto leva a assinatura de José Luiz Ribeiro, onde originalmente era uma sala de julgamento da antiga Faculdade de Direito.

Não fosse a relação de Paschoal Carlos Magno com o Grupo Divulgação, ele não teria visitado Juiz de Fora com a frequência com que visitou e não teria mesmo conversado com o prefeito da época, Mello Reis, sobre a necessidade de um teatro para a cidade. Mas isso é assunto para o próximo ato.

3.2 UM TEATRO EM CONSTRUÇÃO

No centro da cidade de Juiz de Fora está prestes a nascer o Teatro Paschoal Carlos Magno. O teatro, que tem expectativa de ficar pronto em dezembro de 2017, já tem sua fachada de cores amarela, cinza e branca e traz consigo toda uma história de mais de 30 anos.

Tudo começa oficialmente no início do governo do prefeito Mello Reis, em 1979, quando Paschoal Carlos Magno veio à Juiz de Fora para assistir ao espetáculo do Grupo Divulgação, *Nem tudo está azul no país azul*. Como já foi assinalado e, pela natureza histórica do fato desencadeador de todo o processo que vamos relatar a seguir, retomamos a informação de que a bilheteria da peça seria destinada para a Aldeia de Arcozelo, então, ameaçada de falência.



Figura 9 – José Luiz Ribeiro e Paschoal Carlos Magno no espetáculo *Nem tudo está azul no país azul*

O dia era 19 de maio de 1979, um sábado. O local, o Forum da Cultura da UFJF, onde, nesse momento, o grupo realizava suas apresentações e fazia da casa sua morada. Paschoal recebeu, em mãos, a importância de Cr\$ 18 mil (arrecadação conseguida com as récitas feitas com o espetáculo). O prefeito Mello Reis estava presente ao evento. Seu comparecimento foi de extrema importância, pois nesse dia, Paschoal, um homem de tantas lutas e boa fala, fez com que o político reafirmasse seu compromisso de construir, em seu mandato, o tão sonhado Teatro Municipal na cidade.

O Paschoal quando chega a Juiz de Fora convence o prefeito Mello Reis e o faz prometer que faria um Teatro Municipal em Juiz de Fora. Mello Reis prometeu aqui, no Forum da Cultura, publicamente, a construção de um teatro municipal. A classe teatral queria também naquele momento um espaço que não fosse italiano. Começou a ser construído na administração do Mello. (DOUSSEAU, 2017)

Para resgatar essa narrativa, importante em nossa pesquisa, foi feito um levantamento, na Biblioteca Municipal Murilo Mendes, de edições do jornal *Diário Mercantil* da época, registrando mais que um aperto de mão tão comum em um encontro dessa natureza, mas a promessa sacramentada por dois homens públicos, Paschoal e Mello. Também foi fundamental para entendermos essa trajetória da construção do teatro o levantamento de reportagens nos jornais *Diário Regional* e *Tribuna de Minas*, quando

a obra estava prestes a ser reiniciada. Na verdade, foi um percurso tão longo que muitas informações se perderam pelo caminho.



Figura 10 – Registro do Jornal *Diário Mercantil* de 22 de maio de 1979

Apenas três dias depois do histórico encontro é que saiu uma notinha sobre o fato no *Diário Mercantil*. É importante assinalar aqui que, naquela época, ninguém possuía um celular em mãos que pudesse gravar e registrar o feito. A pequena notícia não tem foto, pois o acordo entre o prefeito e o embaixador, naquela noite, não foi combinado previamente. Simplesmente aconteceu, como um desses improvisos que muitas vezes

ocorre em cena. Quem poderia prever tal coisa? Teria Paschoal chegado a Juiz de Fora já com essa ideia na cabeça, empreendedor como ele era? Mello Reis tinha já, em seus propósitos políticos, o intuito de criar esse espaço teatral para a cidade? Fato é que por conta do inesperado, se tem poucos registros além do que foi documentado e escrito pelo *Diário Mercantil* de 22 de maio de 1979.

Paschoal acabou vindo assistir ao espetáculo do Grupo Divulgação e o Mello Reis, que era o prefeito recém-empossado, justificando para ele a precariedade de espaços culturais naquele momento, falou: ‘lamento não ter um espaço municipal aqui em Juiz de Fora, mas eu vou construir um teatro, vou dar o seu nome ao teatro’. E assim fez. A prefeitura desapropriou um terreno na rua Gilberto de Alencar, onde o teatro está lá. Acredito que esteja próximo da inauguração. (DOUSSEAU, 2017)

Há que se resgatar aqui o papel fundamental que o Grupo Divulgação teve, como já foi relatado, na vinda de Paschoal a Juiz de Fora, fruto do seu encantamento pela maneira de fazer teatro colocada em prática pela jovem companhia que vivia ainda seus verdes anos. Se há um teatro municipal em Juiz de Fora, quase pronto para ser inaugurado, apesar de todo o tempo perdido em sucessivas administrações que fecharam seus olhos para um projeto que não criaram, esse teatro existe seguramente pela relação que se estabeleceu entre Paschoal Carlos Magno, o Grupo Divulgação e José Luiz Ribeiro. E é o escritor e jornalista Ismair Zaghetto, então superintendente da Funalfa¹ no governo Mello Reis, quem dá esse testemunho:

José Luiz Ribeiro tem uma importância muito grande nessa relação do Paschoal com Juiz de Fora. Aliás, o Paschoal conheceu Juiz de Fora através do José Luiz. Ele viu, não sei como, uns escritos de um jornal da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, então ele ficou sabendo do trabalho do [Grupo] Divulgação, e escreveu uma carta para o José Luiz, porque queria conhecê-lo. Se encontraram e ele se encantou com o trabalho do grupo. Paschoal teve uma importância, digamos assim, emotiva e até espiritual na vida do próprio Grupo Divulgação. (DOUSSEAU, 2017)

O projeto original, feito no governo de Mello e assinado pelo arquiteto Stephan Eleuteriades, que também fez o projeto do teatro universitário do campus da UFMT, em Cuiabá², é bem diferente daquele que está na fase final de execução. Mello desapropriou, na época, em 1981, para a construção, um terreno na Rua Gilberto de

¹ Funalfa, Fundação cultural Ferreira Lage, órgão responsável pela política cultural do município de Juiz de Fora, desde 1978. https://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/

² <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3637>

Alencar, exatamente atrás da Igreja de São Sebastião, colado onde era a antiga sede da Funalfa.

Tentamos conseguir a planta original do teatro e o plano da reforma; a Funalfa foi procurada, mas o material não foi disponibilizado para a presente pesquisa, o que enriqueceria muito nosso registro documental.

As obras ficaram paradas mais de 30 anos. Em um primeiro momento, por conta de um desastre de uma fenda geológica.

O projeto do teatro é extraordinário, ele era brilhante. Um projeto fantástico do arquiteto Stephan Eleuteríades. Mas quando você vai projetar uma obra, você faz o que os engenheiros chamam de sondagem do terreno. A sondagem verifica a qualidade, a solidez do terreno. Num desses azares incríveis que acontece com qualquer coisa da vida, toda a sondagem do terreno não detectou nenhuma possibilidade de qualquer evento que pudesse comprometer a estrutura. Mas o azar dos azares, aquele terreno tinha uma fenda geológica³, não detectada na sondagem. (DOUSSEAU 2017)

Assim, todo o dinheiro pensado para a construção do teatro teve de ser gasto para conter o desmoronamento causado pela fenda.

Quando bateu nessa fenda, ninguém segurou mais o terreno. Escorreu e foi escorrendo, foi de tal forma, tão terrível, que começou a afetar, começou a descer as casas dos vizinhos ali do lado. Foi uma tragédia! A sala do superintendente da Funalfa era exatamente na frente da rua, bem pertinho de onde o teatro ia ser construído. Lembro da minha secretária, Diva Cabral, hoje falecida, falando comigo assim: ‘Professor, qualquer hora o senhor vai ver a Academia [de Comércio - localizada mais acima] passar por aqui!’ (DOUSSEAU, 2017)

Para conter tudo que estava cedendo, como uma tragédia não anunciada e imprevista, o caminho foi fazer um novo projeto e uma nova sondagem. Era necessário identificar e entender o estrago que a fenda estava causando, quase como uma doença maligna. Diante desse drama, Zaghetto assinala que foi, então, feito um trabalho fascinante. Um novo projeto, uma outra sondagem, que, segundo o jornalista, se tornou um case na engenharia. Bom para a geóloga contratada, ruim para o teatro e para Juiz de Fora.

Todo o orçamento para você fazer o teatro teve que ser utilizado em deter aquilo. Recorreremos a uma - qualquer dia vou à Funalfa fazer uma pesquisa sobre o nome dela, não me lembro agora - Doutora Terezinha que era a maior expressão da geologia no Brasil - O Rio de Janeiro teve um problema com pedras que rolavam e essa mulher ganhou uma certa notoriedade porque ela resolveu esse problema lá -

³Fenda, segundo o Novo Dicionário geológico-geomorfológico de Antônio Teixeira Guerra e Antônio José Teixeira Guerra de 1924-1968, seria "qualquer tipo de abertura - grande ou pequena- na crosta terrestre."

Então a prefeitura recorreu à ela e ela veio e fez um projeto de estancar - nós que tínhamos um projeto de fazer um teatro, tivemos que promover um projeto para estancar aquele corrimento geológico. (DOUSSEAU, 2017)

Conserto das fendas, obras paradas. Uma pedra no caminho. Somente em 2004, o assunto sobre o teatro voltou a surgir como possibilidade. O então prefeito de Juiz de Fora, Carlos Alberto Bejani, anunciou a verba para as obras prometidas ao município. Conforme visto no acervo da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, em um jornal da cidade, *Tribuna de Minas*, de 22 de dezembro de 2004, R\$ 3 milhões eram destinados ao teatro Paschoal Carlos Magno.



Figura 11 – Registro do Jornal *Tribuna de Minas* de 22 de dezembro de 2004

Mello Reis teve, então, suas esperanças alimentadas de ver seu sonho de teatro sendo realizado. A esperança de ver a obra ser reiniciada aconteceu e foi documentada pelo *Diário Regional* do dia 12 de dezembro de 2004.



Figura 12 – Registro do Jornal *Diário Regional* de 12 de dezembro de 2004

No entanto, nada aconteceu por falta de verba e incentivo. O sonho de um teatro municipal para Juiz de Fora ficava cada vez mais distante. Em 2010, surge uma luz no fim do túnel. À frente da Funalfa estava Antônio Carlos Siqueira Dutra, o Toninho Dutra, que teve sempre em sua trajetória uma ligação direta com o teatro, enquanto pedagogo, ator e diretor. Assim, uma nova chance de ver o teatro, enfim, sendo construído surgiu, no governo de Custódio Mattos. Infelizmente, para Mello Reis esse sonho foi interrompido com sua morte em 24 de novembro de 2010.

Mello Reis morreu com essa amargura! Ele morreu em 24 de novembro de 2010 com essa amargura. De não ter acabado o teatro e de 35 anos depois nenhum prefeito ter concluído. O Bruno, ainda que seja com o dinheiro do Estado e por isso ainda não ter sido entregue teve essa sensibilidade de correr atrás e por isso eu o cumprimentei. Fiz uma visita para cumprimentá-lo exatamente por isso. Quando ele reiniciou as obras, fez questão que eu estivesse presente, eu e a viúva do Mello, a Vera Mello Reis. (DOUSSEAU, 2017)

O ex-superintendente da Funalfa, Toninho Dutra, abraçou e trabalhou para a retomada da obra. Não conseguindo em 2010, quando convidado por Custódio para permanecer no cargo (vindo do governo do vice-prefeito José Eduardo Araújo, que assumiu quando Bejani foi preso), não desistiu de lutar pela causa para ver a continuação da obra acontecer.

Houve o convite do Custódio para que eu permanecesse no governo de quatro anos e aí uma das coisas que eu falei de imediato com ele era a possibilidade de retomada dessa obra [do Teatro Municipal Paschoal Carlos Magno] e de início ele não gostou muito e falou: ‘ah, todo mundo já tentou isso e não consegui, mas tudo bem!’ E ainda brincou: ‘se você conseguir, a gente faz uma estátua para você em praça pública! Mas eu não acredito muito.’ Enfim, a primeira coisa que a gente tentou fazer foi verificar se havia ainda viabilidade técnica para que, aquele espaço, trinta anos parado, já na década dos anos 10 do ano 2000, pudesse ainda ser um teatro, se era viável ou se ele já estava superado em espaço físico, e se existia viabilidade também de retomada da obra enquanto estrutura. (DOUSSEAU, 2017)

A construção que se encontrou, após a verificação, em perfeito estado para continuar as obras, foi ocupada, no decorrer desses 30 anos pela Funalfa, como depósito de materiais.

Na época, a gente conheceu o Robson, que era um arquiteto de teatro, que já está aposentado e ele nos deu um suporte incrível para que a gente pudesse trazê-lo duas vezes à Juiz de Fora, para que ele fizesse uma visita técnica, e os dois pareceres foram favoráveis: o parecer de estrutura, a obra não tinha nenhum dano estrutural, apesar de estar quase trinta anos parada. (DOUSSEAU, 2017)

Durante todo o governo de Custódio, Toninho relatou ter corrido atrás de verba e recursos para a retomada das obras do teatro, mas sem sucesso.

A gente, durante o governo do Custódio [Mattos], de várias formas, obteve recurso para a retomada dessa obra. A gente ganhou duas emendas [dos deputados federais à época], uma do Júlio Delgado (PSB) e do Paulo Delgado (PT) que na realidade ela não concretizou por interferência direta dos técnicos do Ministério da Cultura em Brasília. (DOUSSEAU, 2017)

Foi no primeiro governo do atual prefeito Bruno Siqueira que os resultados começaram a vir, não de mão beijada, até porque houve uma resistência de Bruno, em um primeiro momento, por conta de corte de verbas.

No início do governo do prefeito Bruno [Siqueira - PMDB, em 2013], ele também se mostrou um pouco resistente porque os recursos estavam começando a se esgotar para viver esse momento péssimo que nós estamos vivendo agora, a gente vivia uma curva em declínio, em termos de recursos públicos e dos repasses de recursos das esferas federal e estadual para o município, então ele tinha prioridades, dentre as quais o teatro não estava colocada. (DOUSSEAU, 2017)

Com muita determinação, Toninho fez tudo o que podia para que essa obra fosse reassumida. Como uma pessoa de teatro, ele tinha consciência da importância de se levar esse propósito até o fim. Entra em cena então a secretária de Cultura do Estado, Eliane Parreiras. Em uma visita a Juiz de Fora, ela questiona ao gestor da Funalfa sobre ações que poderiam ser realizadas com o intuito de ajudar a cultura da cidade. Imediatamente, claro, ele citou o projeto do teatro do Paschoal.

Ela [secretária de Cultura do Estado] disse: ‘a gente tem que conversar sobre isso, sobre o quanto vocês acham que precisa para o término desse teatro?’ E, na época, esse recurso girava em torno de uns cinco milhões de reais. No final da conversa, o Bruno virou para mim e falou: ‘Toninho, você tem certeza dessa informação que você passou?’ E eu: ‘Tenho, Bruno, foi levantado, foi orçado várias vezes...’ E o Bruno: ‘Então eu quero que você verifique e a gente vai voltar a conversar sobre isso.’ Naquele momento, a minha fala convenceu o Bruno da possibilidade de a gente retomar esse teatro. (DOUSSEAU, 2017)

Toninho já tinha preparado, desde o governo de Custódio Mattos, todos os projetos do teatro - executivos, arquitetônicos, de ar-condicionado, elétrico - tudo estava pronto. E isso facilitou todas as investidas feitas no governo de Bruno.

O Bruno, no momento em que o Anastasia deixa o Governo do Estado e o Alberto Pinto Pinheiro assume, ele [Bruno] faz um pedido ao Alberto Pinto Pinheiro para que marque a passagem de seis meses dele pelo Governo de Minas por Juiz de Fora e ele solicita que ele dê esse recurso para a construção do teatro, e acaba que há concordância e a gente tem que enviar o projeto, e resolve-se que isso vai ser feito pela Codemig [Companhia de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais]. (DOUSSEAU, 2017)

Muitos foram os empecilhos para a entrega e finalização da retomada da obra, de acordo com Toninho Dutra: troca no governo de Minas Gerais e, com isso, a perda de documentação; dificuldades impostas na rapidez de entrega dos projetos (para fazer a plotagem dos projetos se gasta um tanto o bom de dinheiro público, e se tem que passar por um

processo burocrático para a liberação dessa verba). Com a troca de governo do PSDB para o PT, quem assumiu a Codemig foi Marco Antônio Castello Branco, que veio a Juiz de Fora conhecer a obra.

Toninho contou que acompanhou sua visita à obra e aos outros teatros de Juiz de Fora e teve que convencê-lo sobre a possibilidade de estacionamentos alternativos (visto que o teatro Paschoal Carlos Magno não tem estacionamento próprio), empecilho posto por Marco Antônio em um começo de conversa, que quase embarreirou todo o trabalho feito por Toninho em todos esses anos.

[Toninho disse a Marco Antônio] Olha, não tem estacionamento, mas aqui na frente, nós temos o estacionamento da Igreja São Sebastião, aqui do lado, na Rua Halfeld, nós temos um estacionamento particular, e aqui do lado, na Marechal, nós temos dois estacionamentos particulares, então a gente tem um perímetro cercado de estacionamentos particulares que podem atender ao teatro e, além do mais, essas ruas comerciais no final de semana, que é quando você vai ter a maior concentração de uso do teatro, estão praticamente desocupadas, elas servem de estacionamento e outra coisa que eu queria dizer ao senhor, é que ali é a Rio Branco, é o principal fluxo de trânsito da cidade e as pessoas têm acesso fácil à ônibus e táxis! (DOUSSEAU, 2017)

Convencido sobre a questão do estacionamento, mas não sobre a necessidade de um novo teatro para Juiz de Fora, Marco Antônio propõe uma assembleia com a classe artística da cidade para tirar a prova dos nove.

E ele falou: ‘Nós vamos fazer o seguinte, eu vou mandar um assessor meu, você vai marcar um dia, vai convidar toda a classe artística da cidade e se isso não for uma coisa da sua cabeça, se a classe artística disser sim, que essa é uma necessidade da cidade, e que a cidade realmente demanda isso, a gente vai concluir esse teatro’. (DOUSSEAU, 2017)

Visto com o prefeito Bruno a liberação de uma assembleia, foi feita uma, no Centro Cultural Dnar Rocha, na rua Mariano Procópio, no centro de Juiz de Fora.

Marcamos essa assembleia no Centro Cultural Dnar Rocha, na época a Marcinha [Falabella, integrante do Grupo Divulgação, que estava, em parte, presente] teve uma fala muito importante, muito significativa e emblemática, fez um histórico muito sintético, mas muito eficaz do que estava acontecendo naquele momento, de uma necessidade há quatro décadas atrás, porque quando o teatro inicia essa obra há trinta anos atrás, ele já vinha sendo solicitado como uma demanda da classe artística. Hoje você não tem nenhum teatro público aberto no centro da cidade. (DOUSSEAU, 2017)

A classe artística presente mostrou a importância e o desejo de se ter um teatro, nos moldes do Paschoal, no centro da cidade.

Isso tudo foi relatado, a expectativa, o desejo, a necessidade, por diversos artistas, não teve ninguém que falou contra, e o assessor do doutor Marco Antônio, que veio à Juiz de Fora, que falou: ‘Olha, se você precisar de um aliado, pode contar comigo. Agora você tem um aliado dentro da Codemig. Eu estou plenamente convencido de que essa não é uma coisa como o doutor Marco Antônio disse, da sua cabeça, que é uma necessidade, um apontamento, uma demanda da cidade e nós vamos trabalhar para te ajudar nesse processo’. (DOUSSEAU, 2017)

A sensação é de alívio para todos que presenciaram todo o processo inicial do pedido de Paschoal ao Mello, o começo das obras há mais de 30 anos e a possibilidade de ver o teatro abrir suas portas à população local em breve. A retomada da obra se deu no ano de 2015, fruto de muito esforço e luta.

Assim a gente com muito trabalho, com muita procura, muitos links necessários na rede de relações de diversas pessoas, a gente conseguiu emplacar a aprovação desse projeto em 10 de julho de 2015; a gente lança a reabertura da obra, que era para ter sido entregue no ano passado, mas com essa questão da licitação, do repasse dos recursos públicos, a obra agora está em fase final de conclusão, de fato. (DOUSSEAU, 2017)

Espaços teatrais sempre geraram discussões entre os artistas da cidade. A inauguração do Teatro Paschoal Carlos Magno não resolverá todos os problemas, mas certamente, representa uma significativa conquista. Ele será o único teatro público aberto e viável no centro da cidade. Por problemas de segurança com o corpo de bombeiros, o teatro do Espaço Mascarenhas fechou suas portas⁴ o mesmo aconteceu com o Pró-Música, que era privado e foi doado para a UFJF; o Central, que também é da UFJF, é um espaço caro para ser mantido pela instituição e igualmente caro para produtores locais, o que dificulta o acesso de artistas e a veiculação de suas obras. Sem contar que é também um local que apresentou problemas com as normas de segurança. E, num tempo em que os teatros são cada vez menores, o Central, em sua estrutura aristocrática, possui mais de 1800 lugares, um desafio a ser preenchido em cada evento realizado ali.

Quanto mais teatro tivermos, mais produção cultural vamos ter. O sonho da gente é que Juiz de Fora seja como o Rio de Janeiro, Buenos Aires, que têm uma quantidade enorme de teatros, de todos os tipos. Juiz de Fora tem espaços poucos explorados. (O Paschoal Carlos Magno) está vindo com atraso, mas em boa hora. (ANDRADE, 2014)

O Teatro Paschoal Carlos Magno contém um teatro com 400 lugares, galeria de arte, anfiteatro, locais para reuniões e ensaios e bar. A obra, avaliada em R\$5.983.560,59, tem um terreno de mais de dois mil metros quadrados.

⁴ Ele abrirá para algumas peças do ATO (mostra de arte cênica 2017).



Figura 13 – Fachada do Teatro Paschoal Carlos Magno, no centro de Juiz de Fora, em fase de acabamento (Foto: Marina Metri)

Para muitos habitantes de Juiz de Fora, investir dinheiro em um teatro representa um desperdício, diante de outras carências. No entanto, um edifício teatral alimenta e realimenta a prática artística, forma público, fomenta debates. Indiscutivelmente, o Teatro Paschoal Carlos Magno vai significar um enriquecimento enorme para a produção cultural da cidade, podendo abrir suas portas a artistas locais e receber trabalhos de outros centros, promovendo assim um importante intercâmbio cultural. Certo é que, depois que as cortinas se abrirem, serão outros os desafios, pois há que se estabelecer uma política e uma identidade cultural para o espaço, sem contar os gastos mensais para sua manutenção.



Figura 14 – Foto do interior do Teatro Paschoal Carlos Magno, em Juiz de Fora (Foto: Marina Metri)

Que o Teatro Paschoal Carlos Magno traga para a cidade a grandeza de quem dá nome ao espaço. Que o espírito empreendedor e renovador de Paschoal seja a alma desse novo teatro, trazendo outras conquistas e escrevendo um novo capítulo para a cultura local.



"Você morre quando você morre, às vezes recebe uns aplausos, umas manchetes, mas se você não tiver alguém para trabalhar por sua memória, você é absolvido no esquecimento."

Paschoal Carlos Magno



4 CONCLUSÃO

Ter Paschoal Carlos Magno como objeto de pesquisa, nos permitiu enveredar por uma feliz paisagem do cenário teatral brasileiro e embarcar por um trajeto único. Seus ensinamentos e diretrizes se disseminaram e se multiplicaram por todo o canto do país, tão grande o espírito renovador e empreendedor de seus feitos, embora as novas gerações saibam pouco sobre ele. A memória, muitas vezes, vai se tornando uma imagem turva, sobretudo, quando não é celebrada. Uma ironia, se pensarmos que Paschoal tinha uma crença absoluta no jovem como instrumento de mudança de uma realidade cruel e pobre do teatro brasileiro. Graças à ação de Paschoal, vários teatros de estudantes se formaram em diversos cantinhos do país, plantando uma semente importante para a atividade cênica no Brasil.

A senha para nós foi justamente a inauguração do Teatro Municipal de Juiz de Fora, que será batizado com o nome do embaixador. Portanto, nosso intuito era o de retratar sua importância para tão significativo ato. E isso dialoga com a relevância do motivo para a construção de um novo teatro no centro da cidade de Juiz de Fora, tendo em vista que alguns espaços tiveram suas portas fechadas, por problemas de segurança com o Corpo de Bombeiros - o teatro do Espaço Mascarenhas e o Pró Música. Também o Cine Theatro Central, hoje ligado à Universidade Federal de Juiz de Fora, enfrentou problemas de segurança e é um espaço para grande público, com seus 1200 lugares.

Nesse sentido, o Teatro Paschoal Carlos Magno abre novas perspectivas para a produção local e mesmo de outros centros culturais (vai depender da política cultural a ser colocada em prática) como um espaço nobre pertencente à Prefeitura e que se encontrava parado, apesar de funcionar, nesses anos, como depósito da Funalfa. Mais de trinta anos de espera. Um tempo que poderia ter comprometido definitivamente a sua estrutura, uma vez que houve o problema inicial com o terreno e, posteriormente, as demais gestões políticas da cidade foram adiando a reforma. Vamos entender que educação e cultura não são prioridades em nosso país.

Quando inaugurado, apesar dos custos de manutenção, o novo teatro poderá ser um caminho a mais para a circulação de dinheiro para Juiz de Fora, além de gerar receita para a Prefeitura - movimentará estacionamentos e transportes, integrará o circuito cultural e turístico da cidade. E, ainda, fomentará a vinda de novos artistas, devido à estrutura e à facilidade de apresentação.

A cidade como um todo deve se orgulhar desse teatro, principalmente pelo fato do Paschoal Carlos Magno ter projetado Juiz de Fora para todo o Brasil através do trabalho e do contato com o Grupo Divulgação.

No decorrer de nossa pesquisa, constatamos a importante participação do Grupo Divulgação com um certo protagonismo nesse processo, ao trazer Paschoal para Juiz de Fora. Ocultar o nome da companhia nas diversas divulgações midiáticas que resgatam a origem do teatro é, no nosso entendimento, um ato de covardia diante dos fatos. Se hoje a cidade está prestes a contar com um novo espaço cultural - que não podemos chamar apenas de teatro, por conta de toda estrutura que se está sendo construída, com anfiteatros, galerias de artes, salas de ensaio etc, - o Divulgação tem sua parcela de contribuição nessa luta, que começou com a feliz parceria e amizade de Paschoal com José Luiz Ribeiro, há bem mais de 40 anos (1981 foi o ano em que a obra do teatro começou). Uma amizade sacramentada pelo teatro.

Com a arte no Brasil sofrendo perseguições por meio de retrocessos - como por exemplo, a polêmica em torno da exposição de uma criança, acompanhada pela mãe, a uma performance de um homem nu no Museu de Arte Moderna de São Paulo - ter um teatro municipal a ponto de ser inaugurado em Juiz de Fora é uma resposta, é um grande ganho, porque a construção de um novo teatro e, posteriormente, a sua inauguração abrem janelas para o conhecimento e para a esperança.



"Eu escolhi a ação como uma forma
de poesia combatente."

Paschoal Carlos Magno



5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thiago. *Obras do Teatro Paschoal Carlos Magno serão retomadas*. 2014. Disponível em: <<https://informacaojornalismo.wordpress.com/author/thiagoandrade89/>>. Acesso em: 14 nov. 2017

BRITTO, Sérgio. *Fábrica de Ilusão – 50 anos de teatro*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

CARVALHO, Orlando Miranda de. *Dionysios*. Brasil: Gráfica Editora do Livro, 1978.

CASTOR, Ricardo Silveira. *Modernidade e primitivismo na arquitetura de Mato Grosso*. 2010. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3637>>. Acesso em: 1 nov. 2017

DOUSSEAU, Victor. *Três personagens em busca de um teatro*. 2017. Disponível em: <<http://grupodivulgacao.com.br/blog/post.php?s=2017-11-17-tres-personagens-em-busca-de-um-teatro>>. Acesso em: 17 nov. 2017

EGYPTO, Luiz Augusto. *Jornal de Cultura*. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica S.A., 1974.

EMBAIXADOR da Cultura. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/paschoal-carlos-magno/embaixador-da-cultura/>>. Acesso em: 4 out. 2017

FALABELLA, Márcia. *Grupo Divulgação – o teatro como devoção*. Juiz de Fora: Funalfa, 2004.

_____. *Théâtre du Soleil e Grupo Divulgação – A aventura teatral possível*. Juiz de Fora, 2015.

FERREIRA, Victor. *Nossos heróis são bufões: a política na dramaturgia de José Luiz Ribeiro*. 2017. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

FONTANA, Fabiana Siqueira. *Teatro, Cultura e Estado: Paschoal Carlos Magno e a fundação do Teatro do Estudante do Brasil*. 2009. 250 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. *O Acervo Paschoal Carlos Magno e novas perspectivas para a análise do teatro brasileiro moderno*. 2010. Disponível em: <<http://portalabrace.org/vicongresso/teatrobrasileiro/Fabiana%20Siqueira%20Fontana%20-%20O%20Acervo%20Paschoal%20Carlos%20Magno%20e%20o%20teatro%20brasileiro%20moderno.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2017

_____. *O Teatro do Estudante do Brasil de Paschoal Carlos Magno*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

_____. *Críticas teatrais de Romeu e Julieta – dos burburinhos de uma nacionalidade universalizada aos aplausos de concessão aos amadores*. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/teatrobrasileiro/Fabiana%20Siqueira%20Fontana%20-%20Criticas%20teatrais%20de%20Romeu%20e%20Julieta%20Dos%20burburinhos%20de%20uma%20nacionalidade%20universalizada%20aos%20aplausos%20de%20concessao%20aos%20amadores.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2017

_____. *Shakespeare, teatro moderno e movimento amador — a experiência do teatro do estudante do brasil de Paschoal Carlos Magno*. 2014. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/pit500/article/viewFile/270/255>>. Acesso em: 4 out. 2017

FUNDAÇÃO Cultural Alfredo Ferreira Lage – Funalfa. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/>. Acesso em: 1 nov. 2017

GADELHA, Marina. *Aldeia de Arcozelo: 300 anos de história*. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/paschoal-carlos-magno/aldeia-de-arcozelo-300-anos-de-historia/>>. Acesso em: 4 out. 2017

JUIZ de Fora. Disponível em: <<http://www.codemig.com.br/atuacao/comunidades/juiz-de-fora>>. Acesso em 15 nov. 2017

MAGNO, Paschoal Carlos. *Não acuso nem me perdôo*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969.

MARANHÃO, Armando. *Paschoal Carlos Magno e o teatro*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy.

MIRANDA, Gisèle. *Série Paschoal Carlos Magno VII: verdejantes moços pelas barcas e caravanas da cultura*. Disponível em: <<https://tecituradas.wordpress.com/2010/09/29/serie-paschoal-carlos-magno-vii-verdejantes-mocos-pelas-barcas-e-caravanas-da-cultura/>>. Acesso em: 16 out. 2017

_____. *Série Paschoal Carlos Magno XI: Aldeia Culturalista – Memorial do Arcozelo*. Disponível em: <<https://tecituradas.wordpress.com/tag/teatro-duse/>>. Acesso em: 11 out. 2017

MOLINA, Diego. *Teatro Duse: o primeiro teatro-laboratório do Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2015.

NILO, Dalvan. *Teatro Paschoal Carlos Magno será inaugurado neste ano*. 2017. Disponível em: <<http://www.diarioregionaljf.com.br/cidade/16607-teatro-paschoal-carlos-magno-sera-inaugurado-neste-ano>>. Acesso em: 15 nov. 2017

O MÚLTIPLO Paschoal Carlos Magno. Disponível em:

<<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/paschoal-carlos-magno/o-multiplo-paschoal-carlos-magno/>>. Acesso em: 4 out. 2017

PASCHOAL Carlos Magno. 2013. Disponível em:

<<http://culturaiteroi.com.br/blog/?id=31>>. Acesso em: 4 out. 2017

PASCHOAL Carlos Magno. 2014. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa393306/paschoal-carlos-magno>>. Acesso em: 4 out. 2017

SILVEIRA, Marcelo da Rocha; FRAZÃO, Luciana Martins; LIMA, Raíssa Souza de. *A Barca da Cultura de Paschoal Carlos Magno – A arte e as artes na década de 1970.*

Disponível em:

<http://www.sbpcnet.org.br/livro/68ra/resumos/resumos/2542_1025a04720862047b80dac64a0bec8fc4.pdf>. Acesso em: 27 out. 2017

TEATRO Duse. 2015. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399331/teatro-duse>>. Acesso em: 11 out. 2017

TEATRO do Estudante do Brasil. 2015. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399337/teatro-do-estudante-do-brasil>>. Acesso em: 26 out. 2017

Anexo B - Edição Especial do 4º Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora, agosto e setembro de 2010. Funalfa, p.2. (Acervo Biblioteca Municipal)



2

O PASCHOAL



Toninho Dutra e o prefeito Custódio Mattos

O reinício das obras de construção do Teatro Paschoal Carlos Magno é um ato de respeito com o dinheiro público e de afirmação do compromisso da Prefeitura com a promoção da arte e da cultura.

Transformar o esqueleto interrompido de uma obra numa casa de espetáculos digna da cidade foi uma tarefa complexa, que demorou quase 30 anos para ser concretizada. Desafios de engenharia, associados à escassez de recursos do município, adiaram esta solução, e o projeto, idealizado e iniciado ainda na década de 70 do século passado, parecia condenado ao definitivo insucesso. Alternativas que mudavam seu propósito original de ser um teatro municipal chegaram a ser estudadas.

Felizmente, as saídas foram encontradas. O projeto arquitetônico, artístico e funcional foi redimensionado. A Prefeitura coordenou esforços junto ao Ministério da Cultura para obter os recursos, inexistentes no Tesouro Municipal. Num gesto de articulação política eficiente, a contribuição dos deputados Paulo Delgado, Júlio Delgado e Narciso Rodrigues garantiu o sucesso da empreitada.

A ação decidida e confiante do superintendente da Funalfa, Toninho Dutra, homem de teatro, manteve a chama acesa durante todo o tempo. E, hoje, temos a alegria de anunciar à classe teatral, aos amantes da arte e à toda população de Juiz de Fora que o Teatro Paschoal Carlos Magno, finalmente, vira realidade e, em breve, estará recebendo espetáculos e trazendo sonho e diversão para juiz-foranos de todas as idades.

O "novo" Teatro Paschoal Carlos Magno é uma homenagem a seu idealizador, este notável homem público que é o ex-prefeito Mello Reis. E é uma nunca tardia oportunidade de resgatar nosso compromisso com uma lenda do teatro, exemplo de luta pela arte brasileira: Paschoal Carlos Magno.

Quando se abrirem as cortinas, teremos mais um motivo concreto para confirmar e comemorar a vocação cultural de Juiz de Fora.

Custódio Mattos
Prefeito de Juiz de Fora

O PASCHOAL

Edição especial do 4º Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora
Agosto/Setembro de 2010
Prefeitura de Juiz de Fora
Fundação Cultural Albreto Feresse Lage - Funalfa
Prefeito: Custódio Mattos
Vice-prefeito: Eduardo Freitas
Superintendente da Funalfa: Toninho Dutra
Textos: Adriana Abrcantos e Jacqueline Silva

editorial

Para o crítico Sábato Magaldi, a palavra teatro guarda duas definições, uma relacionada com a arte da dramatização e outra que denomina os prédios onde geralmente acontecem essas manifestações.

Juiz de Fora tem uma importante relação com as artes e com a cultura. A história da cidade comprova, e o teatro possui papel de destaque nesse enredo. Porém, há muito, o público e os artistas clamam por espaços adequados para a produção local e o intercâmbio com a produção de outras urbes. Um espaço adequado para assistir à boa arte.

O Teatro Paschoal Carlos Magno, que teve suas obras iniciadas há quase trinta anos, permanece até hoje inacabado. Uma obra estrutural de excelente qualidade no Centro da cidade, em uma das mais nobres áreas imobiliárias. É bem verdade que, ao longo dos anos, várias foram as iniciativas que buscavam sua conclusão, mas, por um motivo ou por outro, três décadas se passaram sem que o teatro fosse entregue para o uso da população. Uma história que pretendemos modificar para que aquele palco, hoje sem uso, se transforme em cenário para o registro de outra história.

Esperamos abrir as cortinas para que a cidade assista à cena da conclusão dessa obra. E, a partir de então, em um espaço público adequado, bem cuidado e bem administrado, os artistas locais da música, da dança, do teatro, do audiovisual, das artes plásticas, da literatura, da cultura popular, entre outras linguagens, possam conviver e produzir em um espaço plural e acolhedor.

O desejo é que o Teatro Paschoal Carlos Magno se transforme numa casa do artista, um local para exibição do melhor da produção cultural e artística de Juiz de Fora. Casa de fruição da arte e da cultura local e "estrangeira", recinto com suporte técnico necessário para apoiar e valorizar nossos talentosos artistas. Onde o público possa ser acolhido da melhor forma e acomodado com conforto.

Desde o início da administração, temos trabalhado no projeto e na busca de recursos para a conclusão deste necessário espaço público. Durante todo esse período, o prefeito Custódio Mattos, convencido da necessidade e viabilidade da proposta, não poupou esforços para o êxito do projeto. Esteve sempre envolvido diretamente em todas as etapas que vivemos para chegar aqui de hoje com projeto definido e recursos garantidos para, enfim, anunciar à comunidade juiz-forana que, após 30 anos, esse prédio será finalizado e terá uso adequado.

Nossos representantes parlamentares também estiveram presentes nesta empreitada. O deputado Júlio Delgado, através de emenda parlamentar, destinou R\$ 500 mil para a conclusão do teatro. Já o deputado Paulo Delgado contribuiu de maneira decisiva para o êxito do projeto, assumindo a frente de toda a negociação com o Ministério da Cultura (MinC), garantindo o repasse de R\$ 3 milhões em recursos diretos o que garantiu definitivamente o projeto que hoje a cidade recebe.

Intencionamos estar colaborando para os dois significados propostos por Sábato Magaldi para a palavra teatro se unam num só local, um espaço público onde técnica, acessibilidade e conforto são os pilares para a recepção do público e o oferecimento de condições favoráveis ao trabalho do artista. Que neste espaço a sociedade de Juiz de Fora possa assistir bons espetáculos e participar de eventos das mais diversas linguagens culturais.

Toninho Dutra
Superintendente da Funalfa

Estagiários de Comunicação Social: Angeliza Aquino e Leo Pasquini
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Tatiane Lima e Leo Pasquini
Revisão: Darlan Lúcia

Distribuição dirigida
FUNALFA
Avenida Rio Branco 2.234 - Centro - Juiz de Fora - CEP: 36016-310
Assessoria de Comunicação: (31) 3696-7044
E-mail: imprensa@funalfajf.org.br

Anexo C - Edição Especial do 4º Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora, agosto e setembro de 2010. Funalfa, p.3. (Acervo Biblioteca Municipal)

O PASCHOAL

3

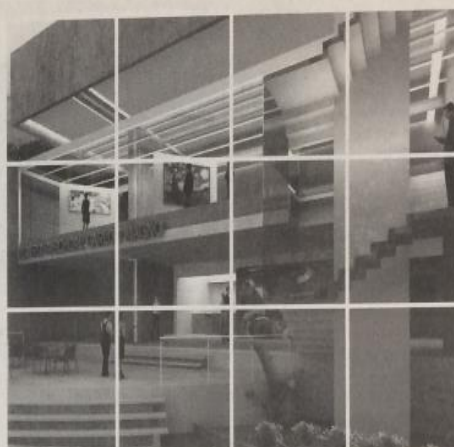
uma NOVA casa de espetáculos NA CENA CULTURAL da CIDADE

Após 30 anos do início de sua construção, o Paschoal Carlos Magno não será mais um teatro inacabado na lembrança da cidade. A Prefeitura de Juiz de Fora, através da Funalfa, aguarda o repasse de verba para a retomada e conclusão da obra. A iniciativa será viabilizada através de recursos do Ministério da Cultura (MinC) - R\$ 3 milhões -, obtidos por meio de articulações capitaneadas pelo deputado federal Paulo Delgado; emenda parlamentar da autoria do deputado federal Júlio Delgado, no valor de R\$ 500 mil; e também por contribuições políticas do deputado federal Narcio Rodrigues. O custo total para finalização do teatro está orçado em R\$ 4 milhões, dos quais a Prefeitura de Juiz de Fora investirá R\$ 500 mil como contrapartida.

Inicialmente, as atividades de retomada constituem-se na elaboração das plantas do projeto executivo do teatro, que contemplam aspectos arquitetônicos, instalações hidráulicas, sanitárias e elétricas, iluminação, cenografia, entre outros aparatos para a infraestrutura e o funcionamento do local. Esses trabalhos, orçados em R\$ 145 mil, serão realizados pelo escritório Skylab Arquitetos, de Juiz de Fora, vencedor do processo de licitação. A execução das obras está prevista para o início do próximo ano. Já o período para a conclusão de todo o processo é de 18 meses, com inauguração do teatro em 2012.

De acordo com o superintendente da Funalfa, Toninho Dutra, duas diretrizes básicas nortearam a concepção do novo projeto: um espaço acessível à classe artística e com ambientes multiusos. "Uma vez que a estrutura já está pronta, nossa intenção é finalizar o teatro eliminando custos desnecessários de acabamento, com um projeto plenamente usável e viável, oferecendo um espaço público de qualidade que atenda ao cenário cultural de Juiz de Fora e à solicitação da classe artística", afirma. Toninho destaca que a ideia convenceu pessoas que adotaram a causa e auxiliaram dentro de suas possibilidades, como as equipes das secretarias de Obras, Planejamento e Desenvolvimento Econômico, além de funcionários da Funalfa.

No primeiro pavimento, o projeto prevê uma plateia de 400 assentos, incluindo lugares especiais para portadores de deficiência, em uma sala de encenação com toda a tecnologia cênica disponível no mercado, assumindo-se, assim, como um teatro público de porte médio do qual a cidade carece há décadas. O teatro foi pensado como um equipamento físico de multiuso e, portanto, abrigará também: galeria de arte, auditório anexo com 60 lugares, café/bar aberto ao público, salas de ensaio, salas de reuniões, além de equipamentos de suporte para montagens e produções.



Já para o segundo pavimento, foram pensadas uma sala de estar para encontros e reuniões da classe artística, uma sala de administração do teatro e a galeria de arte, com uma grande vitrine suspensa. Haverá também um terceiro pavimento, que comportará os equipamentos técnicos para controle de luz, som e ar-condicionado. No setor de serviços do teatro estão previstos, além do subsolo, outros cinco pavimentos nos quais estarão distribuídos os camarins principais, camarins coletivos e andares técnico e de apoio para o funcionamento de toda a estrutura, contando com o suporte de um elevador para os cinco andares, trazendo o princípio da acessibilidade também para o setor de serviços.

O arquiteto da Skylab, Guilherme Ferreira, define como inovador o novo projeto para a conclusão da obra. "Considero extremamente positivo o teatro ser pensado para o funcionamento de diferentes manifestações artísticas, cumprindo também uma função de centro de cultura." Para o arquiteto da Secretaria de Obras, Leonardo de Paula, todo o planejamento procurou atender à solicitação da atual administração de que o teatro funcionasse como um espaço de convivência e de encontro dos artistas, além de oferecer uma estrutura multiuso. "Pensar o local sob todos os aspectos de acessibilidade vai permitir à classe artística local contar com um espaço para atender a diversos tipos de demanda", afirma. Também nessa perspectiva, café/bar, além de suporte para o teatro, terá diariamente atendimento ao público, funcionando como um atrativo para as pessoas que passarem pelo local.

Para Toninho Dutra, a conclusão das obras do Teatro Paschoal Carlos Magno é uma demanda da sociedade, que a administração municipal recebe e acata por compreender as necessidades de alternativas de cultura em espaços públicos. "Desejamos que o teatro seja um local para a ampla fruição da cultura e para a realização de intercâmbio de linguagens e propostas com outros centros urbanos da região e do país", afirma.

Anexo D - Edição Especial do 4º Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora, agosto e setembro de 2010. Funalfa, p.4. (Acervo Biblioteca Municipal)

4

O PASCHOAL



Aspectos do teatro hoje

O INÍCIO DO PROJETO

Foi na década de 1970, durante um espetáculo do Grupo Divulgação, que o próprio Paschoal Carlos Magno fez o seguinte pedido ao então prefeito Francisco de Mello Reis: a construção de um teatro municipal para Juiz de Fora.

Assumindo a promessa feita em público, após determinado período, teve início a execução do projeto, uma vez que Mello Reis reconhecia a necessidade de um teatro de porte médio, com equipamentos modernos de cenografia e que comportasse um público de 350 pessoas. Em 1980, a obra foi iniciada e, em agosto daquele ano, a Funalfa homologava o arquiteto grego Stephan Cleobule Eleutheriadis como vencedor da concorrência para a elaboração do projeto arquitetônico do teatro, localizado à Rua Gilberto Alencar, 888, atrás da Igreja São Sebastião.

No ano seguinte, foi assinado um convênio de Cr\$ 7,7 milhões, em moeda da época, para o começo dos trabalhos de estaqueamento, a cargo da firma Estacas Frankfin Ltda, enquanto a Serveng-Civisan ficou responsável pela construção propriamente dita.

A previsão inicial era de que os gastos girassem em torno de Cr\$ 70 milhões. À época, os profissionais contratados fizeram o corte do terreno e descobriram que a terra era argilosa. Por essa razão, as construções circunvizinhas sofreram rachaduras e foram afetadas pelo deslizamento de um bloco de granito de cerca de 40 toneladas. Dessa forma, foi construída uma contenção no entorno do teatro, que garantiu a estabilidade na região.

Além de elevar o valor da obra, a intervenção resultou na alteração da estrutura arquitetônica original, simplificada em um novo projeto elaborado pelo arquiteto Roberto Thompson Motta. O término da construção não se tornou possível na gestão Mello Reis, uma vez que os gastos emergenciais extrapolaram o orçamento da Prefeitura.

Nos mandatos seguintes, algumas providências foram tomadas com relação ao teatro. Houve a quitação de dívidas junto às empresas contratadas e até mesmo a compra de 42 mil tijolos para a conclusão efetiva da obra. No entanto, esses esforços não garantiram o término da construção.

Em meados da década de 1990, o espaço foi vislumbrado por

artistas para montagens em moldes alternativos. Assim, a casa de espetáculos, construída pela metade e apenas no reboco, abrigou uma série de apresentações de produtores locais. À época, algumas benfeitorias foram realizadas com o objetivo de fornecer infraestrutura para os espetáculos, embora as condições permanecessem precárias, com arribancadas de estrutura tubular, sem nenhum conforto para a plateia.

Em 1995, o prédio foi sondado pela Câmara Municipal para sediar suas futuras instalações, uma vez que, para as eleições seguintes, estava previsto o aumento do número de vereadores. Esse fato geraria a demanda de outros gabinetes e um plenário maior. A possibilidade de transferência da Câmara do Palácio Barbosa Lima gerou inúmeras discussões e desagradou à classe artística, ainda frustrada com a não finalização da obra.

No final dos anos de 1990, foi estudada nova possibilidade de conclusão do teatro. Os arquitetos Rogério Mascarenhas e Maximiliano Martins Hermeto foram contratados para rever as plantas. Hermeto reavaliou a parte cenotécnica e de iluminação cênica, enquanto Mascarenhas ficou responsável por reelaborar a área externa do teatro. No entanto, por insuficiência de recursos, novamente não foi possível a finalização da obra, orçada em R\$ 1,2 milhão.

Nesta gestão, antes do convênio firmado com o Ministério da Cultura, outras alternativas foram sondadas pela Funalfa para a conclusão da obra. Desde o início de 2009, foram feitos contatos com técnicos da Fundação Nacional de Artes (Funarte) para se verificar a possibilidade de convênios. Outra tentativa ocorreu com o curso de Arquitetura da UFJF. Em meados de julho do mesmo ano, alunos do 7º período realizaram a exposição "Teatro Paschoal Carlos Magno: Abdala. A mostra, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, constituiu o resultado de estudos desenvolvidos pelos estudantes, em parceria com a Funalfa, apresentando seis projetos para a conclusão do teatro.

Também foi mantido o diálogo com a classe artística, que, em diferentes momentos, manifestou seu apoio no sentido de reviver o espaço, contribuindo com sugestões.

Anexo E - Edição Especial do 4º Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora, agosto e setembro de 2010. Funalfa, p.5. (Acervo Biblioteca Municipal)

5

O PASCHOAL

PASCHOAL CARLOS MAGNO O EMBAIXADOR DA CULTURA

Animador, produtor, crítico, autor, romancista, poeta, diretor, diplomata de carreira, vereador pelo Distrito Federal, chefe de gabinete no Governo de Juscelino Kubitschek. Multifacetado e dinâmico, Paschoal Carlos Magno exerceu diversas funções e foi uma figura ímpar na renovação cultural brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1906, e faleceu na mesma cidade, em 1980. Filho de imigrantes italianos, iniciou a carreira como ator em 1926. Em 1928, começou a escrever crítica literária e, no ano seguinte, formou-se em direito.

Como advogado, desencadeia uma campanha de coleta de fundos para a instituição da Casa do Estudante do Brasil. Em 1930, recebe da Academia Brasileira de Letras um prêmio por sua peça *Pierrot*. Funda, em 1938, o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), inspirado nos teatros universitários europeus, com duas funções: a pedagógica, de formação teatral, e a artística.

Com espetáculos montados na Europa e no Brasil, alcança grande sucesso. Em 1948, sob sua direção geral e com direção do alemão Hoffmann Harnisch, o TEB monta *Hamlet*, de William Shakespeare, que obtém enorme prestígio. No papel-título, o espetáculo revelava o jovem Sérgio Cardoso, então com 22 anos.

O êxito da experiência do TEB e as viagens de Paschoal pelo Brasil afora incentivam a criação de teatros de estudantes em inúmeras cidades. Em 1952, ele leva o TEB a uma extensa turnê pelo Norte do país, apresentando gratuitamente um repertório de sete espetáculos.

Ao retornar, inicia o projeto Teatro Duse no porão de sua casa, no Bairro Santa Tereza, com cem lugares. "Todos os elementos que o servem - bilheteiro, porteiro, indicadores, intérpretes, cenógrafos, figurinistas, maquinistas, publicistas, costureiras, aderecistas, secretários, diretores - são estudantes. Não anima o Teatro Duse nenhum objetivo comercial. É o núcleo de um teatro-escola, dirigido por moços e baseado no entusiasmo, no desinteresse e no idealismo dos moços", define, à época, o idealizador.

Em quase quatro anos de existência, o Teatro Duse apresenta 21 espetáculos com entrada franca. A casa abre espaço para autores brasileiros inéditos, revelando nomes como Antônio Callado e Rachel de Queiroz. Além de realizar montagens, o projeto se dedica ao ensino da profissão em cursos de um ano. Entre os professores figuram Esther Leão, Bibi Ferreira, Oswaldo Loureiro, Consuelo Leandro e Glauce Rocha.

Percebendo o dinamismo e o carisma de Paschoal, o presidente Juscelino Kubitschek o encarrega de dinamizar a cultura e buscar talentos artísticos em todos os recantos do país. Assim, surgiu o primeiro Festival Nacional de Teatros de Estudantes, que duraria ainda seis edições. Foi nomeado secretário-geral do Conselho Nacional de Cultura, em 1962, quando então organizou a *Caravana da Cultura*, que percorreu os estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, da Bahia, de Sergipe e de Alagoas, com 256 jovens, que apresentaram espetáculos de teatro, dança e música.

Foi afastado da carreira diplomática pelo Golpe Militar de 1964. Em 1974, ainda lançou o projeto a Barca da Cultura, que desceu o Rio São Francisco de Pirapora a Juazeiro. Em 16 de janeiro de 1976, ao completar 70 anos de idade, foi homenageado com uma crônica no *Jornal do Brasil*, escrita por Carlos Drummond de Andrade. Nela, o poeta comenta: "por sua vida curta e generosa, hoje devia ser feriado nacional".

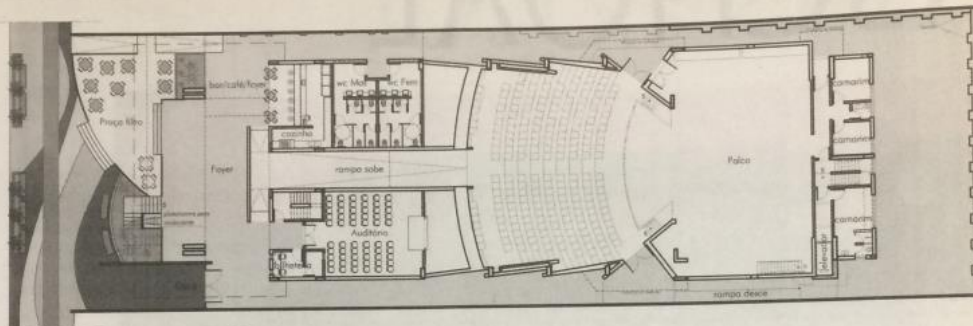
Fotos: Acervo Grupo Divulgação



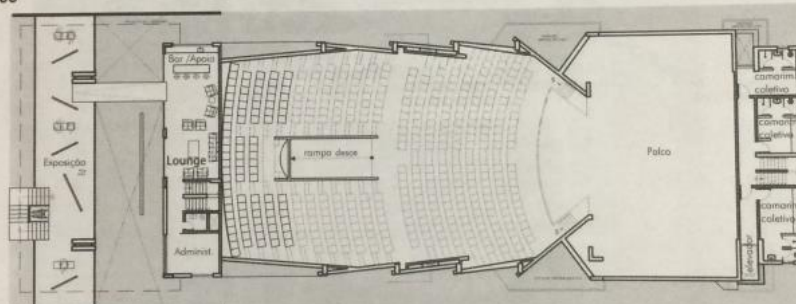
Anexo F - Edição Especial do 4º Festival Nacional de Teatro de Juiz de Fora, agosto e setembro de 2010. Funalfa, p.8. (Acervo Biblioteca Municipal)

8

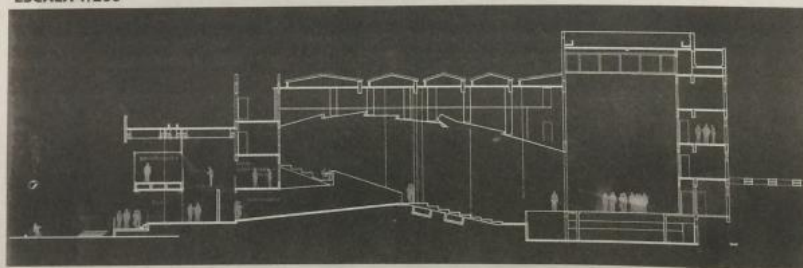
O PASCHOAL



PLANTA BAIXA NÍVEL DE ACESSO
ESCALA 1/200



PLANTA BAIXA NÍVEL GALERIA DE EXPOSIÇÃO
ESCALA 1/200



CORTE ESQUEMÁTICO
ESCALA 1/200

Arq. Leonardo
Soares de Paula

SKYLAB

PROJETO ARQUITETÔNICO:
TEATRO PASCHOAL CARLOS MAGNO



TEATRO - Teatro PASCHOAL C. MAGNO

Na lembrança da cidade, um TEATRO INACABADO

PASCHOAL
CARLOS MAGNO

Adriana Abrantes

A iniciativa de se construir um novo espaço cultural em Juiz de Fora partiu de um pedido do próprio Paschoal Carlos Magno. Na década de 70, durante o espetáculo "Nem Tudo Está Azul no País Azul", do Grupo Divulgação, Paschoal se levantou e solicitou ao então prefeito Francisco de Mello Reis que promettesse publicamente a construção de um teatro municipal.

Assim, algum tempo depois, partiu-se para a execução do projeto, uma vez que Mello Reis reconhecia a necessidade de um teatro de porte médio, com

Sebastião. No ano seguinte, foi assinado um convênio de Cr\$7,7 milhões para o início das obras de estaqueamento, a cargo da firma Estacas Franklin Ltda, enquanto a Serveng-Civisan ficou responsável pela construção propriamente dita.

A previsão inicial dos custos girava em torno de Cr\$ 70 milhões. À época, os profissionais contratados fizeram o corte do terreno e descobriram que a terra era argilosa. Como consequência, as construções circunvizinhas sofreram rachaduras e foram afetadas por um deslizamento de um bloco de granito de cerca



A reestruturação do Paschoal Carlos Magno é um anseio da comunidade juizforana

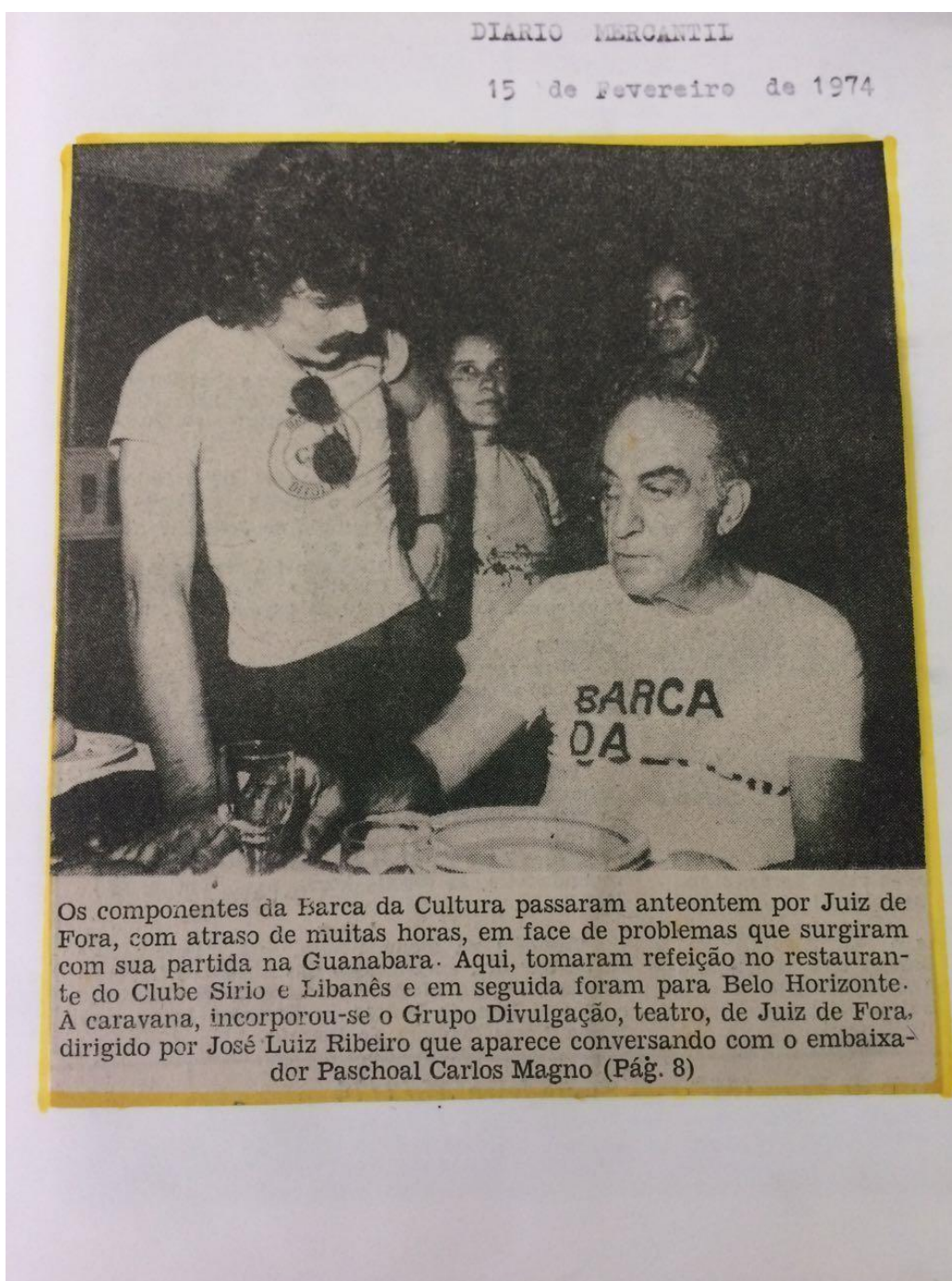
equipamentos modernos de cenografia e que comportasse um público de 350 pessoas. "Era preciso atender à classe teatral juizforana e a grupos de fora interessados em trazer pequenos espetáculos. O local poderia ser aproveitado também para a realização de outros eventos da Prefeitura", complementa o ex-prefeito.

A obra teve início em 1980 e, em agosto, a Funalfa homologava o arquiteto Steffhan Cleobule Eleutheriadis como vencedor da concorrência para a elaboração do projeto arquitetônico do teatro, localizado à rua Gilberto Alencar, atrás da igreja São

de 40 toneladas. Assim, foi construída uma contenção no entorno do teatro, que garantiu a estabilidade na região. Além de elevar extremamente o custo da obra, a intervenção gerou a alteração da estrutura arquitetônica original, simplificada em um novo projeto, elaborado pelo arquiteto Roberto Thompson Motta. O término da construção não foi possível até o final do Governo Mello Reis, uma vez que os gastos emergenciais extrapolaram o orçamento da Prefeitura.

Nos mandatos seguintes, algumas providências foram tomadas com relação ao teatro. Houve a quitação de dívidas junto às empresas contratadas e

Anexo H - *Diário Mercantil*, 15 de fevereiro de 1974. (Acervo Grupo Divulgação)



Anexo I - Diário Mercantil, 15 de fevereiro de 1974. (Acervo Grupo Divulgação)

DIÁRIO MERCANTIL 15 / 2 / 74



O grupo das moças estava muito animado

Barca da Cultura passa por JF e leva "Divulgação"

Chefiada pelo embaixador Paschoal Carlos Magno chegou ontem, dia 13, a cidade, com cinco horas de atraso, a Barca da Cultura que, desde às 13 horas, era aguardada pelo Grupo Divulgação, um dos participantes da caravana.

Depois de jantarem no Club Sirio e Libanês, a Barca seguiu viagem para Belo Horizonte de onde irá até Pirapora, quando, então, descerá o Rio São Francisco visitando 30 cidade do interior brasileiro.

BARCA DA CULTURA

Com 150 artistas, todos usando camisetas brancas com os dizeres Barca da Cultura, a caravana ocupava cerca de três ônibus, um caminhão, uma Kombi e vários carros.

Durante o jantar, Paschoal Carlos Magno disse ser de muita importância a presença do Grupo Divulgação na Barca, pois, para ele este Grupo representa o melhor talento amador do cenário brasileiro, da atualidade.

Esclareceu também, que a Barca da Cultura é um velho sonho seu e que só agora ele se realiza, através do apoio dado pelo Ministério da Educação e Cultura. Só com o aluguel do transporte em terra foram gastos Cr\$ 96 mil dos Cr\$ 700 dados pelo Plano de Ação Cultural do MEC.

"Esta caravana será a última coisa que farei na vida; minha idade e saúde já pedem por um descanso".

GRUPO DIVULGAÇÃO

Através do Divulgação o nome de Juiz de Fora se incorpora a um dos acontecimentos mais importantes, no setor de manifestação e difusão cultural, dos últimos tempos.

Com 13 elementos, o Grupo Divulgação dirigido pelo jornalista e professor da U.F.E. José Luiz Ribeiro, leva em sua bagagem duas peças infantis de fantoches: "Mariquita dos Girassóis" e "o Anjinho Siriri e o Caso do Foguete Muito Doido"; a peça "Cancioneiro de Lampião", de Nerthan Macedo e adaptado para o teatro por Zelu Ribeiro e musicado por Sueli Costa.

Detentor de oito prêmios entre os novos oferecidos, durante o I Festival de Teatro Amador realizado no Paraná, o Divulgação é considerado pela crítica especializada como: Fausto Fuser, de São Paulo; Linda Bulik, de Londrina; e Sérgio Dio-

nísio da Federação Brasileira de Teatro como um exemplo de trabalho e seriedade para o teatro brasileiro amador e profissional.

PERCURSO

De Pirapora, descendo pelo Rio São Francisco a Barca irá até Joazeiro, na Bahia. De lá vai para Petrolina, na margem pernambucana do São Francisco, onde assistirá ao Campeonato de Aboio da Secretaria da Educação e Cultura de Pernambuco.

Dai, a peregrinação da Barca prossegue por terra pelos Estados de Ceará, Piauí, Maranhã, percorrendo todo o agreste nordestino, até chegar a Belém do Pará.

De Belém do Pará, a Barca da Cultura desce a Belém-Brasília e realiza um grande espetáculo na capital e volta ao Rio de Janeiro, onde será realizado o espetáculo de encerramento, em meados de março.

Em cada cidade, a Barca da Cultura permanecerá um dia, promovendo espetáculos, palestras-aulas, sessões de cinema, exposições, distribuindo livros e fundando bibliotecas.

OUTROS PARTICIPANTES

Várias entidades e nomes de nosso cenário artístico e cultural participam da Barca da Cultura, entre eles destaca-se o maestro Carlos Eduardo Prates, como regente da Orquestra Sinfônica de São Paulo; O Teatro do Estudante do Paraná; Maria Domícia, cantora erudita e popular, considerada como uma das vozes de contralto mais bonitas do Brasil; O Grupo Foclorico da Guanabara, composto de celebridades da música e dança mundiais; professores, artistas plásticos e a pintora Silvia Chalreo, que darão aulas e palestras, além de filmes especiais da CINECAM Filmes (Comunidade de Incentivo à Arte Cinematográfica).

“Pus meu sonho num navio e o navio em cima do mar”

Durante 45 dias, comandados pelo embaixador Paschoal Carlos Magno, com artistas, incluindo profissionais e amadores, viveram uma experiência nova em termos de cultura brasileira. Com a realização da Barca da Cultura, Juiz de Fora se fez presente através do Grupo Divulgação, mostrando o “Cancioneiro de Lampião” a 55 cidades do norte-nordeste brasileiro, além de deixar em cada cidade a semente de um grupo de teatro e de fantoches.



A BARCA

Inspirada em grandes movimentos europeus e numa realização efetuada em 1964 – a Caravana da Cultura, que percorreu o Brasil com grupos de teatro de estudantes, pintores, músicos e dançarinos tendo à frente a figura patriarcal de Paschoal – a Barca da Cultura foi fiel ao velho sonho de seu idealizador, levando cultura erudita a uma faixa de público eminentemente popular.

Descendo o Rio São Francisco, a barca “Juarez Távora”, transformada num palco navegável, possuía em seu elenco o Ballet Stagium de São Paulo, dirigido por Marika Gidali e Décio Othero, o Grupo Folclórico do Conservatório Nacional de Música do Rio de Janeiro, a Orquestra Jovem do Teatro Municipal de São Paulo, regida pelo maestro Carlos Eduardo Prates, o Grupo Divulgação da Universidade Federal de Juiz de Fora, o Coral de Câmara da Universidade de Ponta Grossa, o Teatro do Estudante do Paraná, a soprano Maria Domicia, o violinista clássico Francisco Araújo, o músico Deny, além de professoras que ensinavam os rudimentos da pintura às crianças e novas técnicas pedagógicas às professoras.

No tombadilho superior da barca foi montado um tablado de 6 por 6 metros iluminado por 4 postes com 4 refletores cada um. Esse era o palco: a platéia era a beira do rio, onde o povo das cidades em festa se aglomerava.

A chegada da Barca da Cultura a uma cidade era sempre precedida de foguetório. A população, na beira do rio, saudava o que eles mesmos cha-

maram de “a barca dos sonhos”. A aparelhagem de som era ligada e Paschoal Carlos Magno agradecia a homenagens divulgando a programação do dia. Começava aí o trabalho: logo após a atracação, desciam para terra os grupos encarregados da programação infantil, que era feita em escolas ou em praça pública. Apresentavam-se o Grupo Folclórico, o Teatro de Fantoches do Grupo Divulgação, o Coral de Ponta Grossa e o Teatro do Estudante do Paraná, que levou montada a peça infantil “Joãozinho Anda Pra Trás”, de Lúcio Benedetti.

Terminada a programação infantil, todos se recolhiam de novo à barca para tomar banho e jantar, sendo que pontualmente às 8 da noite começava o grande espetáculo. A programação noturna era aberta pela Orquestra Jovem do Teatro Municipal de São Paulo, sob a regência do internacional maestro Carlos Eduardo Prates, que deixou seus compromissos na Alemanha – onde mora há 13 anos – exclusivamente para viver a experiência da Barca da Cultura. Depois da Orquestra ter executado números de Guarnieri, Villa-Lobos e Mignone, era a vez do Grupo Folclórico da Guanabara fazer a sua apresentação, que constava de peças populares e semi-eruditas recolhidas do nosso folclore. Logo após, entrava o Ballet Stagium de São Paulo, que sendo considerado pelo público erudito como o melhor grupo de dança contemporânea da América Latina, conseguiu uma comunicação impressionante junto às populações ribeirinhas que assistiam aos espetáculos. A seguir, apresentava-se o Coral de Cá-

mara da Universidade de Ponta Grossa, seguido da incrível soprano Maria Domicia e do violinista Francisco Araújo. Continuando o espetáculo, apresentava-se o Grupo Divulgação da Universidade Federal de Juiz de Fora com a peça “Cancioneiro de Lampião” de Nerlhan Macedo e música de Sueli Costa, conseguindo um nível de comunicabilidade muito grande com o público, que em muitos casos via-se retratado no palco. Vinha depois um número estruturado e ensaiado na barca, que consistia na apresentação dramática de um trecho do poema “Navio Negroiro” de Castro Alves, com coreografia de Marika Gidali e direção de Miguel Grant. Apresentava-se ainda o mágico Deny, especialmente levado para que o público, depois de tanta coisa elaborada, pudesse ter também um pouco de divertimento ingênuo. Finalizando, a Orquestra tocava “Invocação em Defesa da Pátria” de Villa-Lobos, acompanhada por um grande coral, formado por todos os componentes da Barca da Cultura e tendo Maria Domicia como solista.

Depois de tudo isso, os barqueiros iam dormir esgotados, para que na manhã seguinte emprendessem viagem para a próxima cidade onde iria começar tudo de novo.

Chegando a Juazeiro – fim do trecho navegável do São Francisco – os artistas instalaram-se em 3 ônibus especiais que os levariam pelo interior de Pernambuco, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Goiás, Brasília e finalmente a volta para os locais de origem. O tablado, agora, foi montado em cima de um caminhão e os espetáculos eram dados geralmente em praças públicas.

O GRUPO DIVULGAÇÃO NA BARCA

Depois de um acúmulo de oito anos de experiências vividas e com o seu nome projetado nacionalmente, o Grupo Divulgação teve aberta mais uma etapa com a sua participação na Barca da Cultura. Dono de um repertório eclético em que os clássicos como Sófocles, Schiller, e Molière convivem com autores montados dentro da última palavra da vanguarda como Durrenmatt, Oswald de Andrade e Pirandello, a experiência de um teatro para um público diferente se afirma como altamente positiva. Além disso, convidado, através de seus membros, o Divulgação pronunciou inúmeras palestras e conferências, sendo destaque a realizada para o Curso de Arte Dramática de Fortaleza, um curso de alto gabarito em que o conhecimento do trabalho realizado pelo Divulgação.

Individualmente, a opinião dos componentes do grupo que viajaram é de que todos voltaram como eternos devedores daquele povo: o grupo recebeu muito mais do que deu. Recebeu em termos de uma experiência humana fabulosa, um contato íntimo com um tipo de gente que pode, sem medo, ser classificada como pura nas raízes. Além disso, o contato humano com pessoas totalmente desprovidas dos vícios intelectuais e comportamentais que envolvem a nós, habitantes desses grandes canchros urbanos, trouxe para o grupo um universo novo de criação e um subsídio infinitamente grande para a formação de atores.

O Divulgação voltou resolvido a pôr os seus sonhos num navio e o navio, a qualquer custo, em cima do mar.

Luiz Augusto Egypto.

Anexo L - Arquivos Grupo Divulgação, sem identificação.



Anexo M - Carta de Paschoal Carlos Magno ao Ministro da Educação e Cultura, em outubro de 1973. (Acervo Grupo Divulgação)

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1973.

Excelentíssimo Senhor
Senador Jarbas Gonçalves Passarinho
Ministro da Educação e Cultura

Senhor Ministro,

Na recente reabertura do Teatro Duse, com a honrosa presença de Vossa Excelencia, tive oportunidade de falar a respeito da possível realização da Barca da Cultura.

À saída de nossa casa, pediu-me Vossa Excelencia que fizéssemos chegar às suas mãos o plano da Barca da Cultura, que ora apresentamos, mandando-lhe o roteiro, o plano da aplicação das despesas a serem efetuadas, além das pessoas e grupos cogitados para essa grande e nobre jornada.

Todas as manifestações, do Teatro à Música, do Cinema à Dança, das Artes Plásticas à Ciência, estarão presentes nessa Barca da Cultura cuja última etapa será Joazeiro, conforme o mapa anexo. Continuará sua marcha através do agreste de Pernambuco, Piauí, Maranhão, Ceará até alcançar Belém, Goiás e Brasília.

Reproduzirá, com seu dinamismo e sua amplitude, a variada cultura do Brasil e do mundo, tornando-se uma conquista do Brasil moderno e uma reivindicação social do século XX. André Malraux escreveu que um país só é de fato civilizado quando seu povo respira cultura. Vossa Excelencia bem compreendeu esse desígnio ao lançar de maneira decisiva O PLANO DE AÇÃO CULTURAL.

A Caravana da Cultura

Com a experiência na minha peregrinação em 1929, para fundar a primeira Casa do Estudante do Brasil; na realização da viagem do Teatro do Estudante do Brasil ao Norte e Nordeste, em 1952; sem falar na organização dos Festivais Nacionais de Teatro de Estudante (em Recife, Santos, Brasília, Porto Alegre, respectivamente em 1959, 1960, 1961 e 1962); e nas primeiras concentrações de Corais Universitários, do Nordeste (Recife 1961), do Sul (Florianópolis, 1962); e dos Encontros de Escolas de Dança do Brasil (Curitiba 1960), Brasília 1961 - tracei, coordenei e dirigi a CARAVANA DA CULTURA, como Secretário Geral do então

Conselho Nacional de Cultura. Realizei com ela grande parte ou muitas das aspirações do NAVIO DA CULTURA e TREM DA CULTURA, sonhados e planejados em 1947 e 1962, e não realizados por total falta de apoio.

Participavam da Caravana da Cultura 256 brasileiros, capitaneados por meu entusiasmo, movimentando oito ônibus, seis automóveis, dois caminhões carregando toneladas de livros e discos e uma kombi transportando exposições.

A caravana atravessou o Estado do Rio, Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Alagoas. Demorou-se um dia em cada cidade. Distribuiu livros, discos, assinaturas de revistas e artes e literatura aos ginásios das cidades visitadas. Os teatros de estudante do Paraná, Brasília, Goiás, o Quinteto Villalobos deram ao longo do percurso, especialmente para crianças, 274 espetáculos de uma hora de duração, cada um, em praças públicas, adros de igrejas, pátios de escolas, salas de orfanatos, asilos, colégios. Tres a quatro rēcitas diárias. Todas as noites, em recintos fechados quando chovia, ou ao ar livre, foram dados 29 espetáculos dos quais participavam, além dos grupos de teatro e dança acima citados, mais os cantores Eunice Lima, Wanda Oiticica, Alfredo Colóssimo, do Teatro Municipal; os bailarinos Beatriz Consuelo, de re nome internacional, e Claudio Darnet; os atletas da Escola de Sargentos da Força Pública de São Paulo, as campeãs Panamericanas do Esporte Clube Pinheiros, de São Paulo, a Orquestra de Câmara de Belo Horizonte sob o comando do Maestro Carlos Eduardo Frates, que obtivera o Prêmio de Regência nacional em Florença, Itália; grupos de dança do Ballet Leda Yuqui, da Guanabara, Ballet Tony Petzhold, de Porto Alegre, e o conjunto Internacional de Folclore, do Rio Grande do Sul. Os professores Luiza Barreto Leite, Paulo Emílio Sales Gomes, Stélio Alves de Souza, Nilson Pena, falavam no recinto da exposição que era inaugurada ou pelo rádio local, sobre artes plásticas, cinema, arquitetura, livros, ciências. A caravana também contou com a colaboração dos atores Sergio Cardoso, Mario Brasini, Wilson Maux, Teresa Amayo, dos funcionários do MEC Orlanda Carlos Magno, Oku Martins Pereira, Yara Costa Mendes, Walter Reis Freire, dos funcionários da Prefeitura de Brasília, Prof. Salvio de Oliveira e Ary de Freitas.

O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem colocou à frente e atrás da Caravana batedores equipados com sirenas, e um grupo de seus funcionários, sob a chefia do Dr. Caio Monteiro de Barros, para que toda atenção fosse dada por suas Delega -

cias Regionais aos viajantes.

Todas as cidades acolheram a Caravana, decretando feriado municipal, com os sinos de suas igrejas bimbando, com suas fábricas apitando, e o povo enchendo suas ruas para aplaudir e ao mesmo tempo cobrir de papel picado e flores os 256 patriotas da Caravana da Cultura. Não houve cidade que deixasse de embandeirar suas ruas com faixas e cartazes saudando o acontecimento. Muriaé, por exemplo, decretou o Dia da Cultura, a 10 de janeiro, para comemorar anualmente a passagem da Caravana. Depois, os veículos transportavam a Caravana de cidade a cidade. Mas muitas sementes ficaram na distribuição de discos e livros, principalmente da recordação do riso das crianças aplaudindo fantoches e atores; no eco dos aplausos aos corais, aos dançarinos, aos ginastas, aos músicos, aos cantores, aos atores, aos professores, aos artistas plásticos que nessa Caravana, primeira realizada nas Américas, desempenhavam tarefa pioneira em nosso meio, só comparável ao pioneirismo da criação da nova capital, plantada no interior do território do nosso país.

A Barca da Cultura, desde que foi anunciada na reabertura do Teatro Duse, motivou uma larga repercussão pelo país afora. Levará a mensagem de um Brasil novo às populações ribeirinhas do Rio São Francisco. Acredito que nenhuma delas teve até hoje oportunidade de assistir a um espetáculo igual. Reafirmará, diante desses milhares de homens, aquela vontade que todos nós temos de fazê-los mais felizes dando-lhes toda a assistência de ordem intelectual e moral.

Na outra margem do São Francisco, terminada a viagem até Joazeiro, situa-se a importante cidade de Petrolina. Nela haverá um descanso de dois dias, quando será realizado o Campeonato de Aboio sob o patrocínio da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, da Empresa Pernambucana de Turismo. Centenas de vaqueiros viajarão através do agreste das regiões do Norte e Nordeste para essa competição da maior importância folclórica e cultural.

Embora viajando em terra, essa Caravana continuará sendo, para todos os efeitos, a Barca da Cultura. Aproveito o ensejo para renovar a Vossa Excelência os protestos da mais alta estima e respeitosa consideração.

PASCHOAL CARLOS MAGNO
Presidente da Casa do Estudante do
Brasil

Anexo N - Relação Inicial dos Participantes da Barca da Cultura, ainda sem o Ballet Stagium. (Acervo Grupo Divulgação)

Participam da "BARCA DA CULTURA"
Coordenada pelo Embaixador Paschoal Carlos Magno,
dentro do Plano de Ação Cultural do Ministério da
Educação e Cultura

1. Orquestra de Camara da Casa do Estudante do Brasil.

Regente - o famoso maestro Carlos Eduardo Prates, de projeção internacional. Sacrificando toda uma série de obrigações e contratos na Europa, o maestro Carlos Eduardo Prates aceitou a incumbência de ser o coordenador artístico e musical da "Barca".

2. Teatro da Universidade Federal de Juiz de Fora(Grupo Divulgação)

Responsavel por algumas montagens de repercussão nacional; como "A MORTA", de Oswald de Andrade. Já monstrou Lorca, Schiller, Gorki, Ghederolde, Coelho Neto, Tchecow, Gogol, Dunrematt. Recentemente no Festival Nacional de Teatro, em Ponta Grossa - (Paraná), representou "Seis personagens à procura de um autor", de Pirandello, ganhando sete dos oito prêmios. O professor José Luiz Ribeiro é seu diretor.

3. Teatro do Estudante do Paraná

Tem vinte anos de existencia. Seu fundador e diretor é o professor Armando Maranhão. Esse teatro que nasceu na União Paranaense de Estudantes, é hoje uma entidade autonoma, realizando uma obra da maior significação na cultura do Brasil. Criador do teatro infantil no Paraná, Armando Maranhão já levou seus espetáculos a doze estados do Brasil e também ao estrangeiro, Uruguai e Argentina. Entre seus maiores sucessos a representação de "Entre Quatro Paredes" (Huis Clos) de Sartre, no III Festival Nacional de Teatro de Estudantes, em Porto Alegre - (1962). Durante o roteiro da "Barca da Cultura" representará para crianças, em praças, jardins, orfanatos, asilos, adro de igrejas, hospitais.

4. Cantora Maria Domicia

Considerada como contralto, das vozes mais lindas do Brasil. Obteve o Premio de Viagem a Europa do IV Centenário de Niteroi, devendo partir para Berlin assim que terminar sua colaboração na "Barca da Cultura". Canta musica erudita e popular. Sua participação no grande espetaculo da "Barca" será como solista na "Invocação em defeza da patria" de Villa Lobos.

5. Grupo Folclorico da Guanabara

Pertence ao Conservatorio Brasileiro de Musica, da Guanabara. Fundado em 1963 e até hoje dirigido pelo maestro Aecio Alexandrino. Em 1969 recebeu um convite do Imperador da Persia para participar do Concurso Internacional de Folclore em Shiraz, onde sua atuação mereceu um dos primeiros premios diante de um juri de celebridades internacionais no mundo da musica e da dança. Lenyr Elisa Barbosa, um de seus principais elementos, no Festival de Teatro Jovem (Petropolis - 1973) ganhou o premio de Direção Musical.

Anexo O - Relação inicial dos participantes da Barca da Cultura, ainda sem o Ballet Stagium. (Acervo Grupo Divulgação)

6. Coral da Universidade Gama Filho

Formado de universitarios tem à frente o maestro e compositor Abelardo Magalhaes. Constantemente premiado em concursos nacionais de coral e sua presença é requisitada pelo país todo. Na "Barca da Cultura" dadas as dificuldades de transporte e alojamento o Coral participará somente com uma de suas alas, que são todas perfeitas como tecnica vocal e disciplina de conjunto.

7. Cinema na Barca da Cultura

A CINECAM FILMES (Comunidade de Incentivo à Arte Cinematográfica) apresentará em todas as cidades ao percurso filmes especiais, inclusive de longa metragem na projeção da imagem em cinemascopo. As programações serão apresentadas em locais de terminados pelas prefeituras locais, ao ar livre ou em recintos fechados.

A BARCA DA CULTURA distribuirá presentes de livros às bibliotecas do percurso, e livros para crianças das futuras bibliotecas infantis.

Em cada cidade haverá a exibição de painéis com aspectos fotograficos do Brasil de ontem e hoje e também painéis com a "História do Brasil" através de reproduções de quadros de celebres pintores. Professores orientarão os visitantes. Um grupo de artistas plásticos com a grande pintora Silvia Chalreo à frente darão aulas de pintura e desenho, fornecendo a "Barca" papel, tinta, pinceis. O maestro Carlos Eduardo Prates coadjuvado por musicos da sua orquestra, ensinará rudimentos da musica em aulas sempre que possível ao ar livre, repetindo uma experiencia já por ele realizada em Minas Gerais e na Alemanha. O magico Deny, por cinco anos consecutivos escolhido como o melhor do Estado do Rio, participará dos espetáculos para crianças à tarde e para o grande publico à noite, assim como um acrobata e um ginasta.

Anexo P - Carta de Paschoal Carlos Magno às autoridades da Prefeitura de Juiz de Fora, pedindo uma estrutura de teatro para o Grupo Divulgação. (Acervo Grupo Divulgação)

Como velho combatente da grande causa do Teatro brasileiro, louvo este grupo de Juiz de Fora, comandado pela perseverança, idealismo, inteligência e habilidade de José Luiz. É ele um dos melhores diretores jovens do nosso país. Todos os espetáculos que assisti do "Di- vulgadores" aqui, em Niterói, no Rio, sempre me impressionaram pelas suas qualidades de direção, interpretação e montagem. Se nunca você puder se encontrar e'co em Juiz de Fora, peço um apelo às autoridades desta bela cidade - universitárias, municipais, que o ajudarem de qualquer maneira para meu futuro próximo, José Luiz e seu grupo possam ter sua própria casa de espetáculos, com cem, duzentos poltronas. Tenho certeza que a gente ganhará e entusiasma de Juiz de Fora, através de todas as suas classes, e ajudará na realização desse sonho, que enriquecerá o panorama cultural de Juiz de Fora. Minas Gerais e do Brasil. Paschoal Carlos Magno

Anexo Q – Transcrição da carta de apresentação de Paschoal Carlos Magno para José Luiz Ribeiro

Goiânia 13-08-71

Prezado José Luiz Ribeiro,

cheguei ontem de Brasília onde fui conversar com o ministro Jarbas Passarinho sobre o VII Festival Nacional de Teatro de Estudante que se realizará em Janeiro de 1972, em Florianópolis, e sobre o Movimento Nacional de Albergues da Juventude e vim rever amigos em Goiânia. E dei com exemplar do "Jornal de Estudo", vivo. Li sua entrevista e aprendi um pouco do muito da sua luta pelo teatro em Juiz de Fora. (Há muitos anos realizei em J.F. uma conferência sobre teatro na Casa D' Italia.) Descobri que ajudou Geralda Armond Marques a restaurar o "Mariano Procópio". Um realizador sempre me interessa. Daí esta carta (será que entenderá minha letra?) Quando sobrar-lhe tempo, gostaria que me escrevesse para minha casa à Rua Hermenegildo de Barros, 161, Santa Teresa, R. Janeiro, EB ou para a Casa do Estudante, da qual sou presidente (há 42 anos, na data de hoje, eu ajudara a sua fundação) Muito lhe agradeceria se me informasse como obter uma assinatura anual do "Jornal de Estudo", com preços, etc.

Um abraço de Paschoal Carlos Magno

ANTÔNIO BARNABÉ EM
"O DIÁRIO DE UM LOUÇO"

ARNOLF EM "ESCOLA DE MULHERES"



BESSEME NOV EM "PEQUENOS BURGUESES"



José Luís cultiva uma úlcera e o teatro com muito carinho

LAURA AMORIM

— Tenho uma úlcera de fundo nervoso que cultivo com muito amor e carinho, se tivesse tempo disponível seria um frute, seu "pra frente" mas dou valor às coisas do passado —, falou e disse José Luiz Ribeiro, o Professor de Comunicação da UFF, o jornalista e diagramador oficial dos "Diários Associados de JF", chefe do Setor de Promoções da Secretaria de Educação e Cultura Municipal, e, principalmente, o tremendo Coordenador-Geral do "Grupo Divulgação".

E José Luiz Ribeiro é bem jovem para ocupar tantos cargos. "Que nada, sou muito mais velho e mais sofrido do que aparento ser." Ele muito tem feito pelo teatro em Juiz de Fora com o seu "Divulgação", que existe há 5 anos e tem revelado muitos atores e atrizes de talento.

"primeiro, porque estou velho demais para começar a carreira profissional de ator; segundo, porque como amador posso fazer os textos pelos quais me empolgo. E como profissional, para poder ganhar dinheiro, não poderia fazer só o que gosto e seria então como que uma prostituição intelectual".

E ele continua a falar, a emitir opiniões muito suas, muito especiais: "— o mundo para mim é um grande teatro. Os homens estão divididos em forma, cor e sota. Gosto mais das coisas que o homem faz do que como transformador".

O TEATRO

Para José Luís o teatro é o reflexo do momento atual. O nosso ainda é um teatro imbuído. Mas fez tem fé no teatro, nesta arte milenar, difícil de desaparecer mesmo em uma época de cultura de massas. Acha que atualmente o teatro atravessa uma crise, mas acredita que ele volte à moda muito breve. E frisa: "Mesmo que eu seja o último a pensar assim".

Prosegue dizendo que o juiz-forano se esqueceu da sua tradição de ver teatro. Aqui, o teatro amador vive da boa-vontade do grupo teatral. Mas faz uma ressalva: "Nós do "Divulgação" não temos tido problema de público. Mal ou bem o público sempre nos prestigia, vai ver nossas peças." E acha que há muita coisa boa em Juiz de Fora e tem fé nestes secundaristas que vão sempre ver suas peças, mostrando que o teatro aqui tem cultura.

Perguntado sobre os melhores autores nacionais, José Luís cita Jorge de Andrade e José Vicente como os mais expressivos. E os seus atores preferidos são Walmor Chapas e Luís Linhares, sendo que este está perdido no tempo e no espaço, esquecido em Calaguanes. Quanto às atrizes "a mais maravilhosa é Fernanda Montenegro", gosta muito de Glauce Rocha e as "mais belas vozes" são Maria Fernanda e Teresa Raquel.

O GRUPO DIVULGAÇÃO

No Teatro Universitário apresentou *O Coronel de Macambira*. O "Divulgação" nasceu em 1966. Este grupo tem trabalhado muito e já fez *Morte e Vida Severina*, *Cancioneiro de Lançopes* (adaptação feita por José Luís do poema de Nottan Macedo, com músicas de Sueli Costa), *O Urso*, *Antologia de Mulher*, *Bodas de Sangue* (quando o público, pela primeira vez, tomou consciência do trabalho do grupo), *Electra* (apresentaram pela primeira vez uma exposição didática sobre o autor). Em 1969, José Luís interpretou Antônio Barnabé, em *Diário de um Louco* (primeiro problema com a censura).

As últimas peças encenadas pelo "Divulgação" foram: *A Visita da Velha Senhora*, *Escola de Mulheres* e *Escorial*, apresentada no Velho Fórum. E José Luís finaliza: "Esta é a carreira do "Divulgação", que tem como finalidade maior dar um curso de dramaturgia, através de seus espetáculos".

O AUTOR

Com 18 anos ele lançou na Casa D'Iltáia uma peça de sua autoria, *Brasil Espaco 63*. E uma peça antológica, com muita música, um produto típico da adolescência. Também escreveu *Sinfonia de uma Favela*. Sua terceira peça foi *Canto para uma Princesa*, uma peça sobre Juiz de Fora, própria para adolescentes e até hoje muito encenada pelos alunos do Colégio de Aplicação João XXIII. Por falta de tempo, José Luiz Ribeiro deixou de escrever para se dedicar a representar e a dirigir.

O ATOR

Seu primeiro contato com o teatro foi quando era bem pequeno e um tio tendo que ir a uma reunião o deixou em um teatrinho para que ele o esperasse lá. Com aquilo José Luís começou a gostar de teatro e aos 7 anos já tinha alguns fantoches em casa. Quando cursava o ginásio fez uma peça, *O Casamento de Rosinha*. Passou sua juventude em um bairro e era muito sonhador, desligado. Leu as obras de Shakespeare e por elas começou a se aprimorar e a ter contato com outras obras. Ao entrar para a Faculdade, ele começa a ler textos mais modernos. "Bem, acho que o meu interesse pelo teatro veio porque tinha que vir e também porque estudava música e pintura. E para mim, fazer teatro é como pintar um quadro ou fazer uma sinfonia. O importante é a harmonia entre o som, a cor e a forma."

Em *Pequenos Burgueses*, José Luís teve um encontro com o personagem mais querido: — "nunca um personagem me calou tão fundo como Bessemenov, o pai da família —. "Ele conta que com este personagem aprendeu a usar sua voz dentro das características do personagem e passou também a ter mais carinho, a compreender melhor a estrutura dos velhos.

Este excelente ator que é José Luís, já teve seu valor reconhecido, pois foi convidado por grupos do Rio e Belo Horizonte, para trabalhar como ator profissional. Não aceitou por dois motivos:

REI E BUFAO EM "ESCURIAL"

Anexo S – Programa da peça *Estado de Sítio*, onde José Luiz fez uma homenagem para Paschoal, falecido na época da produção do espetáculo

